

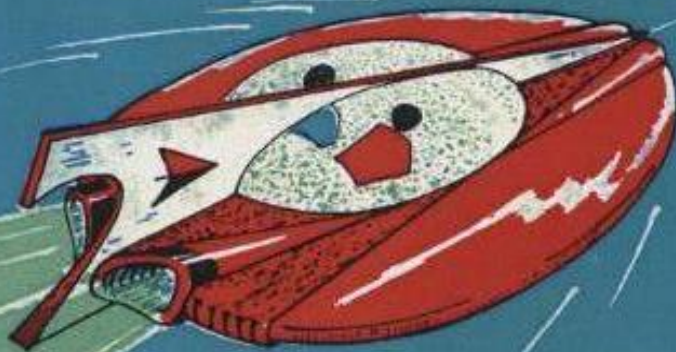
O GRANDE SONHO

15

ATAÍDE GUERRA

# O grande sonho

ATAÍDE GUERRA



# O GRANDE SONHO

## **VOLUMES PUBLICADOS**

- 1 OS FILHOS DA LUA - Hugo Mioni
- 2 NAS MONTANHAS ROCHOSAS - Hugo Mioni
- 3 VINGANÇA E PERDÃO - G. Thierry
- 4 NUNO DA NAZARÉ - L. Lavolle
- 5 RESGATE DUMA DÍVIDA - Luís Matteucci
- 6 A ILHA DOS HOMENS PERFEITOS (I vol.) - E. Bonomi
- 7 A ILHA DOS HOMENS PERFEITOS (II vol.) - E. Bonomi
- 8 JORGE KOZIAK - J. Jurcic
- 9 A ORQUÍDEA NEGRA - R. Pezzani
- 10 A PRIMEIRA VOLTA AO MUNDO - L. Ugolini
- 11 MARTE, PLANETA MISTERIOSO - R. Chiarelli
- 12 O MEDITERRÂNEO EM CHAMAS (I vol. — No mar do Levante) - E. Garro
- 13 O MEDITERRÂNEO EM CHAMAS (II — O crescente submerso) - E. Garro
- 14 CONTOS DO INFINITO - E. Garro



**COLEÇÃO DE LEITURAS JUVENIS**

## **A PUBLICAR A SEGUIR**

- 16 O HOMEM, ESSE INVENTOR - Costa Berretta

ATAÍDE GUERRA

# O GRANDE SONHO

COLECÇÃO DE LEITURAS JUVENIS - 15

Editorial Salesiana Manique-Estoril



Capa de FERNANDO LIMA  
Ilustrações de  
MARIA MANUELA TORRES

*Deposítários:*

*SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES DA M. P.*  
Largo de S. Domingos — Lisboa 2

*EDIÇÕES SALESIANAS*  
Rua Dr. Alves da Veiga, 128 — Porto

COMPOSTO E IMPRESSO NAS  
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS, OFICINAS DE S. JOSÉ - LISBOA

---

*Aos Ex.<sup>mas</sup> Meninos*

*Manuel de Arriaga*

*e Pedro Miguel de Arriaga*

*dois sorrisos de juventude a perfumarem um lar*

*e aos seus queridos Pais*

*D. Maria Irene Dionísio de Arriaga*

*e Dr. Manuel de Arriaga*

*homenagem afectuosa*

## O G R A N D E S O N H O

Eu prometi ao João que escreveria esta história. Não conhecem o João...? É meu amigo seguro. Apesar de já ter doze anos, é criança ainda, facto a que não é estranho nem o seu temperamento idealista e afectuoso nem o convívio de suas três irmãs, que o rodeiam de um tom manso de feminilidade. Mas isto de ele ser criança não lhe faz mal, ao contrário, sobretudo para a franqueza e simplicidade e mesmo para aquela dose de confiança e optimismo vital que nos leva a olhar para diante e a encarar as coisas de coração alerta, sem exageros de desalento, piores muitas vezes do que a facilitação apressada das dificuldades.

O João, por exemplo, é espontâneamente optimista, com uma convicção funda e alheia a raciocínios. Ele não acoima de mal feito o mundo, só porque um lobo esfomeado roubou uma ovelha ao descuidado pastor; ele não ergue o dedo acusador contra a Providência, por saber que duas terças partes da humanidade passam fome. E não é por inconsciência nem por frieza de coração; não. Quando o «Pâté» em sua casa tirava de misérias a barriguinha atribulada, ele experimentava uma grande compaixão e sentia-se disposto a repartir o seu lanche com todos os pobrezinhos e famintos. Enquanto não pode fazer isso, encomenda-os ao Céu



e pede a Deus que ponha no coração de todos os sentimentos que no dele depôs, a fim de todos saberem que não é à exiguidade de produção do solo que se devem pedir contas da miséria, mas sim à atitude dos homens.

E as guerras? São coisas que lhe fazem vibrar o coração. Ferve-lhe o sangue nas veias, quando se lembra daqueles que as atiram para o mundo; mas ao mesmo tempo arfa-lhe o peito de entusiasmo, ao pensar nos heróis a baterem-se no campo de batalha. E às vezes sonha formar um grupo de defensores da Justiça e do Direito, do qual seria ele, João, o supremo comandante, à maneira dos heróis das histórias, que triunfam dos adversários, desmascaram o mal, superam as armadilhas da natureza e dos homens. Teriam armas perfeitíssimas, capazes de dominar todos os engenhos bélicos da Terra, e um dia, uma hora, de repente... poriam diante de todos os fautores de guerras o dilema: ou mudarem... ou serem encerrados num planeta distante, para nunca mais poderem fazer mal a ninguém!

Enquanto não pode fazer isso, vai rezando para que Deus mude para o bem o coração de todos os que fazem o mal, para que ensine os avaros a olharem para os outros homens, para que recorde aos ricos o dever de auxiliarem os pobres e de lhes fazerem justiça, para que instile na alma dos governantes o desejo da paz e a solicitude pelo bem do povo, a fim de que os homens aprendam a amar-se uns aos outros, como ele sabe que Jesus Cristo nos veio ensinar. E ele acredita que, sendo melhores os homens, o mundo também seria melhor.

Quanto a ele, pessoalmente, o que mais o aflige é sem dúvida não lhe ligarem importância, contrariá-lo ou ridicularizar as suas coisas. Então sim, experimenta grande amargura e até um certo despeito, e vai refu-



giar-se no seu mundo, sôzinho com as suas revistas e com as suas brincadeiras, architectando formidáveis planos de futura grandeza. Mas, passada a tempestade e aclarado o céu com a mêmha da solidão, pouco simpática para ele, regressa em menos de uma hora ao bom humor habitual, procurando normalizar tudo muito sorrateiramente, de modo a fazer passar despercebida a transição. E fica tudo como dantes, porque ele bem sabe que é preferível integrar-se na alegria e amizade dos seus, a permanecer isolado, ruminando contra os outros agravos passados e por vezes imaginários.

O meu amigo vive com um pé na terra, quando é preciso estudar as lições, ao menos um bocado, e com o outro e a cabeça nas histórias das revistas, sobretudo o Pégaso, que ele assina e relê muitas vezes enquanto não sai o número seguinte. É lá que ele desanuvia o coração nas horas de aborrecimento e é lá que ele trava conhecimento com os simpáticos heróis sempre triunfantes do mal e da morte, aos quais ele imita na sua imaginação.

Lá aprendeu ele o culto da técnica e das máquinas, as mais perfeitas e futuristas de quantas poderia criar um engenheiro poeta. Mas a máquina, para o João, não é a de linhas frias e arestas duras, sem cor e sem beleza, desprovida de sensibilidade e humanismo. Não. As máquinas com que ele brinca e sonha têm coração, têm vida, têm cores que o não afastam da natureza que Deus criou para ele, antes lha recordam, têm a doçura das arestas suavizadas, têm sobretudo a graça de se amoldarem à imaginação do meu amigo, que não fez cálculos para as construir nem se importa muito com a matemática do funcionamento interno: são as suas mãos a manobrá-las!...

De vez em quando ele me conta os seus anelos e pen-

samentos e me torna ciente das suas criações, decalçadas em geral sobre as histórias que lê. Lembra-me então um D. Quixote menino, muito entusiasta e muito idealista com os seus projectos. Não se riam do João, por favor. D. Quixote era uma personagem muito simpática e interessante. Eu confesso que nem sempre engraçei com ele... E recordo-me que um domingo de manhã, era já moço, parei com um amigo diante de um escaparate a ver os livros. Disse-me ele:

— Olha ali o D. Quixote!

— Oh! Não gosto dele!

Um cavalheiro que parara connosco, disse-me com ponderação, ao ouvir a minha frase:

— Deixe passar uns anitos que ainda vem a gostar, meu amigo.

Calei-me naturalmente, não muito convencido embora. Mas dito e feito: acabei por simpatizar com o herói de Cervantes. Agora há tanta boa gente com medo de ser cavaleiro e de sair da sua torre de marfim, não vá apanhar a chuva do ridículo ou salpicar-se da lama de insultos algaraviados...

D. Quixote, porém, lá tinha a sua mira e colocou sempre o ideal acima das cacetadas dos palhaços e do riso das dulcineias rústicas e dos feitiços da sorte, coisas que no seu entender eram apenas a oposição das forças do mal, a puxá-lo para a mediocridade. E não sei se não teria razão...

O meu amigo também é assim um pouco, olha as coisas ainda muito a sério, acima da vida um tanto desconfiada e utilitarista por nós levada às vezes. E eu peço a Deus que ele os conserve e consciencialize, o seu idealismo optimista e a sua confiança nas possibilidades

do homem. É que afinal os optimistas é que têm razão: todos nós havemos de ressuscitar ainda mais a sério que os heróis das aventuras lidas pelo meu amigo; e já Cristo nos mandava olhar para o mundo e receber a Sua Palavra com coração de criança.

## CAPÍTULO I

### *O melhor é recordar*

Há frescura no céu azul; as árvores, mimosas com a primavera entrada, erguem-se acolhedoras e macias na sua verdura repousante; as terras ainda gozam as chuvas guardadas no seio, sem apresentarem a dureza das leivas ressequidas pelo sol continuado do verão; no ar, uma aura perfumada suavemente convida-nos a encher os pulmões dilatados, e gorjeios rescendem a juventude e a alegria.

Eu estou à beira de um regato cuja água já não corre presa nos pequenos açudes a montante; do lado de lá choupos encavalitados na barreira alta; do lado de cá, loureiros verdejantes e, mesmo ao pé de mim, uma figueira esguia e derreada que, de combinação com uma ginjeira, formou um dossel verde e calmo, a espalhar sombra ao derredor.

À minha frente ergue-se lentamente uma cidade. Aqui levanta-se um arranha-céus, com muitos buraquinhos feitos a dedo, a indicarem os andares; além são edifícios de menores dimensões, armazéns e casas de comércio; mesmo à beira do regato, uma grande doca, que na estiagem dois baldes de água podem encher.

— Ó João, — digo eu para o meu amiguito, que trabalha afanosamente com massa de cal e areia — havias de fazer as ruas mais largas. Agora as cidades têm as ruas largas; e então essa, que é do futuro...

— Ainda não fiz o campo de aviação; quando o

fizer, há-de levar umas avenidas formidáveis! — respondeu-me com gesto de entendido. — Mas também não posso fazer tudo muito largo, senão fica grande demais.

Ergueu-se a contemplar o trabalho feito; a seu lado, o Tarzan, o gato serviçal e amigo, contemplava admirado a obra do dono.

— Pronto, agora já não faço mais.

E começou a lavar as mãos num velho cabaço sem cabo. Depois, numa última olhadela para os trabalhos:

— Além — apontava um monte de areia extraída do ribeiro — vou fazer um castelo como o de Óbidos.

— Para quê? Numa cidade tão moderna...

— É para quando houver guerra.

Ah! Quando os amigos se ajuntassem para uma batalha estudada!... E servia também de monumento às gerações vindouras, enquanto o Tarzan ou algum bicho tresnoitado o não derrubassem nem a chuva lhe carcomesse a areia dos alicerces.

E tornámos para cima, para casa do meu amigo, devagar pelo carreiro que subia.

\* \* \*

Já fiz as despedidas, sigo estrada fora neste momento, mesmo por alturas duma curva sobranceira à propriedade do João, que vejo toda. Estou a pensar que a cidadezinha à beira do regato vai ser uma terra feliz, sem desastres nem atropelamentos, com o bulício das ruas todo regulado de antemão, sem a obsessão de edifícios sempre iguais e descoloridos. Pequena demais para fechar o horizonte do construtor, é no entanto bastante moderna e audaciosa para lhe despertar no



coração o apelo misterioso do futuro e o aliciar com as fascinações da técnica. Ela vai ter um aeródromo onde ao lado dos pacatos aviões do nosso planeta hão-de pousar as maravilhosas naves cósmicas vindas de mundos ignorados e deslumbrantes; mas também lá não haverá famílias sem lar, nem a técnica ostentará suas riquezas com prejuízo do coração do seu habitante.

A rainha soberana daquela terra é a fantasia do João, que lá passará muitas horas felizes, com certeza, na companhia de seus amigos prediletos.

\* \* \*

Estamos em Setembro de mil novecentos e sessenta. No sábado foram os anos da Guida, a irmã mais nova de João, e eu fui lá a casa assistir à pequena festa de meus amigos. Quando ultrapassei o portão do casal, logo o meu engenheirozito, que estava a inspeccionar uma pereira ali perto, apareceu radiante.

— Olá!

— Olá, João! Como vais tu e mais a tua gente?

— Vamos bem: como é que havíamos de ir!

— Sim, senhor! A pereira está recheada ou quê?

— Quer peras?

— Não, muito obrigado. E a tua capital, como está ela? — perguntei, fazendo girar no dedo um pacotezito que trazia.

— Agora é que ela está boa! — respondeu animado.

— Quer lá ir abaixo vê-la?

— Se tens prazer nisso...

— Vamos, porque senão ficam toda a tarde na conversa e depois já não a vê.

— Toda a tarde não fico, porque não posso!

— Mas depois só se lembra quando está para ir embora e é a mesma coisa.

— Vamos lá, pronto.

— Vamos por pé dos eucaliptos para não nos verem — aconselhou o meu guia todo satisfeito por me levar até à sua obra antes de em casa darem pela minha chegada.

A cidade estava ampliada: apresentava como novidade uma estação ferroviária e um subúrbio da outra banda do morro de areia. No aeroporto havia dois foguetões.

— Aquele é de Júpiter — explicou, apontando o maior — e o outro é de Marte. Fui eu que os fiz e ando a arranjar um disco voador para o planeta Vénus. E no dia dos meus anos sou capaz de comprar um foguetão de corda; eu antes queria uma bicicleta, mas o meu pai diz que não pode ser...

— És um valente. E o castelo? Que é dele?

— Já o espatifei.

Seguimos para cima através da vereda cavada a meio da ladeira. À porta de casa, a irmã mais velha ria, à nossa aproximação.

— Agora entra-se aqui e nem se avisa, arr? Coitadinhos, pensam que a gente os não viu entrar e ir lá para baixo...

— Tens alguma coisa com isso? — retorquiu, rindo, o irmão.

— Pensas que és um grande espião, meu santinho, mas desta vez ficaste espiado. E o Vítor também devia deixar de te meter coisas na cabeça.

— Ora, nós não quisemos brincar aos agentes secretos: fomos apenas ver o trabalho do nosso João — defendi-me eu muito calmamente, conciliador. O pai de meu amigo apareceu a interromper a conversa com os



cumprimentos. O João, porém, é que se não conteve sem lançar uma estocada à sua antagonista de momento.

— Tu percebes lá alguma coisa de espiões!? Tens a mania de te meteres aonde não és chamada...

— Pronto, pronto, não te zangues, já sei que só tu é que percebes.

A tarde decorreu animada, sobretudo para a Guida, que se julgava a pequena rainha de um mundo de fadas. Havia para ela (e para todos nós) um delicioso pudim, de que a Lena se dizia frequentemente autora, mas só na brincadeira, porque todos sabíamos ter sido executado pela mãe; a Luísa, a segunda do grupo, lembrara-se de comprar para a irmã um livro de contos cuja leitura foi João o primeiro a iniciar; o pai deu o dinheiro para um vestido novo que a mãe, com muita arte, confeccionou para a filhita; ao João coube apanhar a melhor fruta para o dia, e eu colaborei com uns ovos de chocolate, cheios de doces e bombons.

— Os doces eram para a Guida, mas estou a ver que quem os lambe todos é o João! — atirou rindo o pai, à sobremesa, ao ver o afã insistente com que o pequeno mordiscava nas guloseimas. — Mas não faz mal, que enquanto come não pensa em engenharias e aventuras...

— É verdade! — exclamou João, virando-se para mim ao ouvir aquilo. — Já me estava a esquecer de lhe mostrar o disco voador.

E saiu da sala apressado, enquanto o pai considerava, abanando a cabeça:

— Este rapaz só pensa em foguetões, em aventuras, em habitantes doutros planetas...

— Eu até tenho medo que aquilo lhe faça mal — acudiu a mãe. — Já quando andava na quarta classe, a D. Lurdes me dizia que ele lhe fazia tais perguntas

que ela nem sabia o que havia de responder. Ele consome-se naquilo; por isso é tão franzino.

O pai acudiu em defesa do filho.

— É franzino, mas é rijo e sempre aprendeu tudo com facilidade. Eu antes quero que ele se ocupe disto do que ande misturado com certos matulões...

— Sim — intervim eu — ele é simples mas não é desajeitado nem parvo. E aquilo dos foguetões e aventuras passa-lhe com a idade: ainda há bocado me disse que pelos anos «bem queria uma bicicleta, mas o pai diz que não pode ser...»

— É claro que lhe há-de passar... apesar de que eu conheço homens que ainda lêem a sério essas histórias.

— De facto, parece-me que essas histórias contribuem em parte para acriançar quem as lê, mas...

— Lá vem ele! — sussurrou Luísa, cortando a minha frase.

O meu amigo entrou, ostentando radiosamente uma armação circular, feita de madeira, pedaços de cana, arames e cordéis. Explicou-me onde iam ficar as rodas de cortiça, descreveu a cabina, futuramente situada ao centro, o modo de descolagem, as possibilidades e vantagens da maquineta.

— Vai ficar igualzinho àqueles que vinham no Enigma da Atlântida. Até hoje foram os discos de que eu gostei mais.

— Qualquer dia vamos todos à Lua num disco voador que o João fabricar! — concluiu o pai, rindo com vontade.

— Eu se fosse a ti, João — entrou a irmã mais velha, tentando a ironia — mandava construir um disco a sério, já que eles são tão bons. Eu não me importava de ir nele até outro planeta, a ver se ele tinha mesmo gente ou se são sonhos de alguns meninos...

O irmão, que suportara o gracejo paterno com benevolência, não tolerou a intervenção da irmã, uma rapariga, que não percebia nada de descobertas científicas, que só pensava... que só pensava... bem! Como se de facto não houvesse homens nos outros planetas!...

— Quem é que te disse que havia homens nos outros planetas, meu patetinha? — perguntou o pai, ensaiando trazê-lo cá para baixo.

— Eu cá sei.

A Lena, refeita do ataque do irmão pelo permeio do pai, entrou de novo.

— Aquilo são as revistas que lhe metem macaquinhos no sótão; ou então é o Vítor com...

— Perdão, eu ao João apenas disse que podia lá haver gente, não disse que havia! — defendi-me apressadamente, com um sorriso.

— Para ele é tudo a mesma coisa.

— Sim? — ripostou o meu amigo, sentindo o coração a querer azedar.

Eu acenei para o pequeno.

— Vá lá, João, a Lena diz aquilo de brincadeira, não te zangues hoje no dia dos anos da Guida.

— Quando se chegar aos outros planetas hão-de ver se há gente ou não.

— É o que tu nos hás-de mostrar, quando lá fores — tornou o pai, com pouco agrado do pequeno, que se levantou para depor no seu lugar o aparelho.

— Já o fizemos zangar — murmurou a mãe, com um gesto de paciência.

— O João não se mata por causa da gente doutros planetas, pois não, João? — disse eu em voz alta enquanto ele reentrava. — Ele vai mas é tornar-se um homem e depois verão!

— Eu destas coisas sei mais que vocês.

Rimos todos; e a conversa foi-se desviando até que o seu ritmo se quebrou com os pequenos cuidados: arrumar pratos, folhear um almanaque e um livro de colecção barata, e também por uma certa necessidade de pausa até novo centro de interesse aparecer. Olhei o relógio: eram horas para mim.

— Bem, são horas de me ir — disse, levantando-me e assentando o fato com um gesto leve.

A dona da casa acudiu.

— Já te vais? Hoje sempre te demoraste muito pouco.

— Deixa-te estar, homem, que ninguém te comel — interveio o pai. — Ó Lena, vê lá se as emissoras dão uma coisinha boa aqui para o Vitor.

— Este ano tens aparecido por cá poucas vezes. Parece que te zangaste connosco... — tornou a mãe.

— Isso! Bem sabem que se me desagradasse cá vir... Mas isso é brincadeira e eu tenho que ir, porque às cinco tenho quase um compromisso.

— Hum!... Vê lá...

— É uma coisa séria, podem crer.

E atirando também a minha lançada:

— Vocês é que deviam ir lá até casa também, não é só mandar vir...

O chefe da família fitou-me pausadamente.

— Sim, vamos ver. Adeus então, meu menino, e diz lá aos velhotes que qualquer dia lá nos hão-de aturar.

— Apareçam por lá, apareçam, que os meus pais gostam de os lá ver. De vez em quando lá estão a falar na «menina Madalena, tão simpática», e na «Luisinha» sem esquecer o «senhor João» — terminei, engrossando a voz, para o dono da casa.

— Hum, hum! — retorquiu ele no mesmo tom, folgazão e martelado.



Ora o pobre do Joãozito apanhou hoje um grande desgosto, mesmo no dia dos anos da Guida, um dia que principiara tão alegre! E até o ar arrefeceu aquela tarde, levantando-se um vento triste, que empurrava pelo céu algumas nuvens merencórias e grisalhas.

Felizmente deixaram-no em paz até à noite. Mas ao jantar a Lena tornou a fazer pouco dele, encostada ao pai, perante quem João se via impossibilitado de responder convenientemente. Ele tinha lá medo dela! O que lhe valia era o pai. Assim contentara-se com resmungar um reprimido «estás coa mania!», até que a mãe impôs juízo à irmã, «que o deixasse em paz».

À noite na cama, recapitulou todos os pensamentos que o tinham assaltado pela tarde fora.

Primeiro fora o pai que se pusera a mangar com ele, fazendo pouco do seu disco voador; depois fora a Lena, que metera o bedelho na conversa para rir do que ele dizia dos habitantes dos outros planetas. E o pai chamara-lhe pateta... e até o Vítor, o Vítor a quem ele de bom grado confiava os seus sonhos todos... até o Vítor não tivera a coragem de ser por ele! Só a Guida é que acreditava nele. Julgavam-no um garotito como outro qualquer, mas ele sabia coisas... mais do que um homem crescido, mais do que o Vítor!

Não havia habitantes nos outros planetas... não havia discos voadores... E se ele aparecesse de repente, transformado em comandante de um disco, e obrigasse a família toda a andar, sem se dar a conhecer? Que formidável! A Guida, sim, revelaria quem era.

Depois é que se havia de rir lá por dentro, ao escutar com cara de muito inocente os comentários espantados de todos, a perguntar como é que tinha sido, a dizer

que eles tinham sonhado, a fingir-se de novas, mas afinal todo contente por ver confirmadas as suas afirmações!...

Podia fazer isso, porque não? Ninguém sabia quem ele era; se soubessem, como tudo mudava de figura!

Não havia homens nos outros planetas!... Ah, ah, ah!

Então como é que tinha acontecido?...

Mas era melhor recordar, desafogar o coração nas horas luminosas evocadas, esquecer os pobres terrestres que não percebiam nada.

E João deixou-se levar na maré cheia de seus pensamentos.

*Começou naquela tarde*

Dezassete de maio de mil novecentos e sessenta. Meio dia esbraseante de um verão apressado. Nas plantas e nas coisas, revérberos de luz ofuscante, no azul farripas esguelhadas de nuvens brancas que tornam o ar um tanto abafadiço, e nas azinhagas e carreiros que circundam S. Jacinto, poeiras barrentas flutuando a meia altura, chispantes de luz, a aquecerem mais o ambiente.

Nessas veredas sombreadas, não longe do portão da quintarola que seu pai, oficial reformado do exército ali possui, se diverte João em companhia de outros garotos da sua idade, como já tantas vezes lá se divertira nas horas de calma. Munido de um sabre de pau prateado, de uma velha espingarda de ar comprimido e do prestígio do pai, que lhe dá um certo ascendente sobre os companheiros, arranjou brincadeiras a seu gosto no comando de um pequeno batalhão de pequenos soldados.

— Atenção! — brada ele com voz firme, martelando as sílabas à maneira de um general. — O Carlos, o Ernesto, o Firmino e o Amílcar vão defender um castelo na ribanceira do pinhal; eu, o Quim Zé, o Fernando e o Tonecas vamos atacá-lo. Ouviram?

— Sim! — gargantearam jubilosos os companheiros, tentando engrossar a voz.



Aceites as condições, estudado o lugar e dispostos os seus soldados em linha de batalha, o pequeno mas enérgico capitão preparou-se para dar voz de atacar. De súbito, retiniu por cima das suas cabeças um chamamento alegre e bem modulado:

— João...ão! Ó João...ão!

Ao ouvir a conhecida voz, o pequeno suspendeu a acção guerreira, e ficou por instantes à escuta, com o rosto banhado de sol, que fazia espelhar o primeiro suor empoeirado.

— É a minha irmã — explicou a meia voz para os companheiros indecisos.

E de novo se fez ouvir, insistente, a chamada:

— João...ão!

— Já vou! — gritou o interpelado, arredondando as mãos em porta-voz; e virando-se para os amigos:

— São horas de almoço, tenho de ir comer. Amanhã por estas horas apareçam cá, sim?

— Tá bem, cá aparecemos.

— Ó João — perguntou ainda o Quim Zé, o amigo particular do pequeno comandante — não queres vir esta tarde até lá acima a minha casa?

— Certamente não posso.

O grupo dispersou-se. João ficou-se a vê-los com uma certa saudade, até desaparecerem no cotovelo da serventia; depois encaminhou-se lentamente para o seu portão, que fechou com um forte matraquear de tábuas desengonçadas. A irmã esperara por ele.

— O que é que andavas a fazer?

— Andava a brincar.

— A quê?

— Às guerras, olha.

— Também só pensas em guerras! Qualquer dia apareces aí com a cabeça partida.

— Não tenhas medo. Pensas que somos alguns pategos?

— Ah não, bem sei que és muito esperto!

Calaram-se. Durante a refeição, ele manteve-se pouco falador, debicando as batatas lentamente, erguendo de vez em quando a cabeça num gesto vago de pensamento distante.

— Tu hoje não comes? — Dizia-lhe a mãe, ao reparar nos vageares do filho.

— Como! — respondia ele em surdina, pouco desejoso de interrogatórios.

— Dói-te alguma coisa?

— Ná! — tornou João com um sorriso leve de entendimento interior.

— Se calhar zangou-se com alguém — alvitrou a irmã mais velha. — Ele andava a jogar às guerras...

— Ó João — avisou o pai em tom pausado. — Eu não te quero ver à bulha com os outros.

— Eu não me zanguei com ninguém.

Ele sabia porque é que estava calado. Ruminava os planos de novas brincadeiras que iria pôr em prática naquela tarde. Logo que se desembaraçou do seu prato, saiu sorrateiramente da sala, pegou em alguns brinquedos, atravessou em bicos de pés o quintal e rodeando a casa endireitou para o fundo da propriedade onde, à beira do regato seco e à sombra fresquíssima dos choupos e loureiros, tinha construído a sua cidade, conservada com o desvelo que um sábio nutre pela sua invenção, com os extremos que a mãe consagra a um filho único.

Chegado lá, parou a contemplá-la. Era ela, a capital do seu império de fantasia, a metrópole gigantesca dos arranha-céus audaciosos, que ele construíra para ser a cabeça da sua pequena civilização requintadíssima.

Quantas horas felizes ele aí passara, abrigado das vistas maternas por um renque de pereiras e macieiras novas, longe do barulho das irmãs, sôzinho com o seu mundo, embriagado pelos seus sonhos de aventura e de glória!

Agora ali estava outra vez, pronto a entrar no seu hemisfério vital com a solenidade e reverência de um sacerdote a penetrar no sobrenatural. A brincadeira daquela tarde sugerira-lhe um novo divertimento. Não tinha ele construído no cume de um monte de arcia um castelo altaneiro de formas poderosas? Pois haveria guerra entre as forças da cidade e esse baluarte, que acabaria por ser destruído após épicas batalhas. E era uma pena não estar ali o Quim Zé!... Mas paciência, só um também dava.

Decidiu-se, entrou nos seus domínios: a cidade animou-se, a vida acordou. Os comboios começaram a circular para os mais diversos pontos; as ruas encheram-se a breve trecho de um imenso tráfego; um navio ancorado no porto levantou ferro. E ele, fazendo-se um ser da sua querida criação, gritava ordens em voz de falsete, saborosamente sussurrada, preparava pistas no aeroporto, onde pousavam foguetões interplanetários, na doca movimentada os guindastes e fazia de polícia sinaleiro, nas esquinas perigosas.

Em dado momento, chegou uma notícia alarmante: fora detido no castelo um camião e os seus tripulantes fuzilados. Impunham-se medidas sérias. O Alto Comando da cidade mobilizou imediatamente todas as suas forças para vingar a ultrajante afronta. Aprontado o Exército para o combate, foram enviados aviões de reconhecimento, que em breve mandaram pormenorizada descrição das linhas inimigas. O assalto ia começar.

De súbito, porém, um sibilo oco e fugidío chamou-lhe

a atenção. Voltou-se... e ficou pregado ao solo, boca e olhos abertos num imenso pasmo: a poucos metros de si estava um disco voador! Era um belo aparelho azul claro, de mediana envergadura no cimo do qual se via uma cabina esférica reluzente, como um enorme olho perscrutador.

Era tão grande o seu espanto, que se ficou a contemplá-lo, zozzo, sem conseguir coordenar os pensamentos que no cérebro se lhe entrechocavam doidamente, desvairados e fugitivos. Apoiado sobre as mãos no monte de areia, João tinha a sensação estranha da falta de gravidade, afigurava-se-lhe que a massa encefálica lhe andava a dançar na caixa craniana. O ar aquecera mais, o movimento cessara, o tempo parecia parado. Então, na solenidade terrível do momento, a cabina do aparelho ergueu-se lentamente, dando passagem a dois tripulantes, que se encaminharam para João em passos cadenciados, com o rosto sério, horrivelmente frio e sério. À medida que eles avançavam, o pequeno sentiu-se invadir por um torpor tremelicante; as fontes latejavam-lhe violentamente e humedeceu-lhe a epiderme o arrepio indeciso e viscoso do terror. Tentou ainda gritar, mas a garganta contraíu-se-lhe sob uma pressão imensa e áspera e apenas deixou escapar um monossílabo rouco, que expirou ao sair.

Os intrusos, apercebendo-se da agonia do rapaz, pararam; e nos seus rostos de lívida brancura, um sorriso amigo se desenhou.

João olhou estupefacto a rápida mutação da cena. Aliviado do medo, pôde observar mais atento os que o visitavam. Eram uma espécie de homens, bem estranhos contudo: o rosto, sem vestígios de sangue, de uma palidez quase resplandecente, feições bem talhadas, a que o sorriso emprestava um ar de simpatia; de



mediana estatura, as magníficas roupas que envergavam davam-lhes um aspecto imponente, marcial.

Então um dos adventícios ergeu devagar a mão direita aberta e disse numa voz metálica que arrancou João ao seu enleio:

— Nada receies, somos amigos.

O rapaz esbugalhou mais os olhos, numa pergunta muda. Como se tivesse adivinhado as interrogações imprecisas que lhe fervilhavam na cabeça, o que havia falado acrescentou:

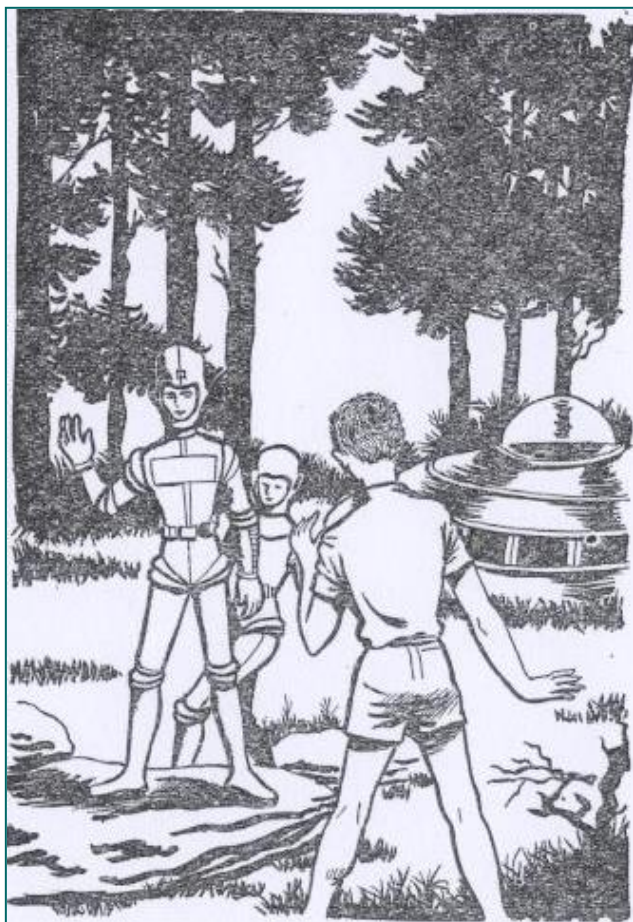
— Vimos do planeta Vénus e voltaremos para teu bem. Adeus.

Muito perturbado para conseguir articular palavra, o pequeno apertou maquinalmente a mão que lhe estenderam e ficou-se a olhar, a olhar entontecido. O disco arrancou velozmente, levando os estranhos protagonistas daquele episódio; João, sozinho, vagueou lentamente o olhar em roda, para se certificar do lugar em que se encontrava. Era mesmo no seu casal e tudo estava como dantes: o céu muito azul, a frescura dos loureiros mais fresca ainda, o silêncio profundo; somente a batalha terminara, uma torre do castelo jazia esmagada pela mão que ele enterrara na areia, e um grande nó lhe tamborilava na garganta, quando ele tentava engolir a saliva... ou as lágrimas.

Ficou ali um bom espaço, indeciso, a refazer-se do tremendo choque. Por fim, olhou para o castelo mutilado, fitou a cidade construída com tanto carinho, e já lhes não achou o encanto de antes.

O seu pensamento corria alucinado para o estranho caso, sem contudo sobre ele conseguir reflectir ou coordenar as imagens.

E dirigiu-se para casa em passos nervosos, detendo-se de quando em quando a pensar, olhos fitos no azul



—Nada receies. Somos amigos.

distante; o espírito, porém, corria-lhe por caminhos sem nexos e sem fim, até que ele, fechando-se no quarto, se atirou para cima da cama e deixou vaguear a imaginação.

— Vieram de Vénus! Vieram de Vénus! — repetia baixinho, com o coração acelerado pelo entusiasmo. Tantas vezes sonhara ser importante conhecer os segredos do universo, estabelecer contacto com habitantes de outros planetas, e via enfim realizados os seus anelos! Apanhara é certo um valente susto, mas já tudo tinha passado. Além disso, estava preparado para na próxima vez falar com eles. Combinariam então os seus encontros, veria bem como são os discos voadores, pediria para o deixarem andar neles e — quem sabe? — talvez até o ensinassem a pilotar um. Voar a toda a velocidade pelos espaços além, o desejo mais profundo do seu coração!

Depois chamaria alguns amigos (como o Quim Zé, por exemplo) e constituiriam uma esquadrilha, subordinada sim ao outro planeta, mas da qual seria ele o comandante, para defender a justiça e a paz cá na Terra!

E todo aninhado, com a colcha muito apertada de encontro ao pescoço, semicerrou os olhos e continuou como num sonho, a architectar planos de futura grandeza. O resto do dia passou-o contentíssimo. Ora dava umas corridas muito saltitadas e muito irregularmente impetuosas ora se punha arrimado à ombreira da porta esfregando as mãos e olhando muito vagamente para o longe. E então durante o jantar, à tarde, o seu sorriso intrigante, deixando às vezes o peito arfar em comoções repentinas e mal reprimidas!...

As irmãs mais velhas riam alto e diziam uns gracejos indirectos; a Guida sorria por contágio, tentando



adivinhar o que pensaria o irmão. A mãe desconfiava.

— O que é que te aconteceu? Estás muito alegre.

— Ora! O que é que havia de acontecer!

— Ná... não andas todos os dias assim alegre. Ai há gato.

Chegou a noite. Com a respiração suspensa, abriu silenciosamente a porta das traseiras da casa e saiu para o eirado, ao pé de uma vinha de cepas velhas e torcidas. Já na rua, sentiu no rosto a viração branda e morna daquela noite quase estival, a convidá-lo a correr, saltar, brincar! O ar parecia-lhe embebido em embriagantes perfumes, a vida abria-se-lhe em rotas luminosas, tão vastas como os seus desejos.

Durante sete minutos entreteve-se com o lançamento do dardo (para o que serviu um caniço direito e comprido), tendo por alvo um monte de terra e feno, ao pé de uma ameixeira nova que ele ainda vira plantar. De vez em quando parava a olhar com ar contemplativo ora as estrelas cintilantes, ora as luzes da cidade, que projectavam no lugar uma claridade leitosa, ora ainda o farol das Berlengas, que de espaço a espaço varria o horizonte com a sua luz potente e regular.

Por fim, cansado já o braço, aborrecido com a solidão (e talvez com o fluido subtil do medo a infiltrar-se-lhe no espírito), dirigiu-se à cama, que o esperava fofinha para um sono profundo e sossegado.

Foram rolando os dias, célebres e movimentados, em que os novos amigos de Vénus lhe concederam curtas entrevistas. Estas em breve se foram tornando mais longas, mais íntimas, ficando João a saber o nome dos que o visitavam e a combinar nelas a data do encontro seguinte.

Três semanas passaram. Uma noite, afoitado pela

benevolência dos venusianos, atreveu-se a formular um grande desejo, querido ao seu coração.

— Senhor Króniss — adiantou timidamente para aquele que se tornara seu particular amigo — deixa-me dar uma volta ao disco?

O interpelado sorriu docemente e respondeu persuasivo, após breve pausa:

— Certamente não pode ser.

— Porquê?

— Ainda és muito novo, és capaz de ter medo...

João teve um sobressalto.

— Eu medo? Eu gostava tanto de andar num disco voador!...

— Mas estás a ver, ainda nos conhecemos há tão pouco tempo...

— Deixe-me andar. Eu gostava tanto de andar num disco voador!

— Agora não pode ser, para a próxima vez se verá, sim?

— 'Stá bem — assentiu João com uma resignação sentida.

— Então adeus, até à próxima.

— Adeus — respondeu num murmúrio o pequeno.

O disco arrancou com ligeiro silvo, e João dirigiu-se a passos lentos, compassados, para casa.

\* \* \*

Depois, aquela hora solene em que ele, ainda mal feito da comoção anterior, avançara timidamente para o belo aparelho. Era uma noite suavíssima de verão, com uns subteis vapores cálidos, a esgaçarem-se no ar. Estava ele a poucos passos da aeronave, quando a carlinga se ergueu bruscamente e Króniss exclamou, pulando para o chão:

— Então como tens andado, meu herói? Ainda queres dar um passeio, de disco ou já te não sentes com coragem para voar?

— Eu coragem tenho...

— Queres então vir?

— A sério?

— A sério e é já, se queres!

— Então vamos!

Entrou atrás de Króniss, que o levou para o compartimento inferior e o sentou ao pé de si, numa fofa poltrona, mesmo em frente de um esplêndido pára-brisas.

Foi indescritível aquele voo silencioso e veloz pelas alturas! Como o seu coração bateu violento, febril, quando o disco se elevou um pouco e projectou os potentes faróis na sua casa! Depois as luzes das Caldas o esvaírem-se na distância, dando à cidade o aspecto de um campo juncado de pirilampos; a albufeira sossegada da Foz e em seguida as Berlengas, salpicadas pela espuma cintilante das ondas que os faróis do disco iluminavam em cheio... Sobrevoaram lentamente as penedias e João pôde contemplar maravilhado a multidão de aspectos que os reflexos da luz arrancavam aos rochedos e às águas.

— Isto é que é bonito! — exclamou entusiasmado.

— Gostas de ver?

— Gosto.

Ele gostava sobretudo de andar no disco voador. E o passeio continuou. A concha de S. Martinho, sobrevoada a menos de duzentos metros de altitude, oferecia o espectáculo pacificante e levemente misterioso de um sereno lago onde repousavam os reflexos de muitas lâmpadas eléctricas. Depois foi o regresso. Um voo baixo sobre as aldeias e casais adormecidos da planície, as luzes indistintas e oleosas das Caldas, e final-

mente a sua propriedade, acolhedora e serena, de casas recolhidas no seio maternal das árvores e caramanchões.

— Adeus, até quinta-feira — despediu-se Króniss, em voz baixa. E após breve silêncio: — nunca fales a ninguém sobre este voo ou sobre as nossas entrevistas. Nunca mais nos verias, e até podia ser a tua desgraça...

— Eu não digo nada, não tenha medo! Adeus! — asseverou João, muito convicto, com o peito a arfar de comoção e felicidade.

Daquele dia em diante os aviões e os voos tornaram-se a obsessão do seu espírito. E como ele se recordava bem do prestígio que alcançara, quando à tardinha, no pinhal de S. Jacinto, falava entusiasmado de discos voadores, de guerras e de outros mundos, aos companheiros boquiabertos.

Mas ele queria mais. Contudo o segredo exigido por Króniss atormentava-o. Até que um dia...

Foi em manhã de Agosto toda orvalhada e mimosa, de cores frescas e fundas. Na sua pequena cidade ia um movimento desusado: ele e o Quim Zé tinham projectado um novo canal que permitisse aos barcos aproximarem-se do centro do burgo. Era uma diversão pitoresca tratarem-se por senhor, julgarem-se homens feitos, cidadãos daquele mundo de sonho. E brincaram, brincaram, até que João se lembrou dos seus emocionantes passeios nocturnos, dos seus amigos do planeta Vénus, de toda a sua importância.

Largou o guindaste que levantava uma «enorme» pedra de vários gramas de peso e, virando-se para o amigo, baixo, misterioso, como em terrível segredo, confidenciou:

— Sabes, Quim Zé?...

— O quê?

— Já vi um disco voador.

— O quê?

— Sim, já vi um disco voador.

— Já viste um disco voador! Aonde é que o viste?

— Aqui mesmo, quando estava a brincar. Foi numa tarde em que até a gente tinha estado a jogar à guerra e tu me pediste para ir a tua casa e eu disse que não podia ir. Mas já o vi mais vezes; até já andei nele! — acrescentou animando-se. Mas o amigo duvidava.

— Ó Jó, tu não estás a mangar comigo?

— Não estou!

— Um disco voador! Se calhar foi sonho que tu tiveste.

— Ah, já estou a ver que não te acreditas em mim...

— murmurou João lentamente.

— Eu em ti acredito... mas às vezes podias ter sonhado com isso e pensares que foi a sério.

— Não foi sonho, não, que eu bem sei.

E após um instante, pensativo:

— Não te acreditas, pois não?

— Acredito; mas...

Calaram-se. João sofrera um rude choque. Aquela desconfiança num amigo de quem esperava a adesão total, esfriou-lhe o entusiasmo, feriu-o no mais sensível do amor próprio. Sentiu vontade de chorar, não podia brincar mais.

— Quim Zé — começou ao cabo de uns segundos de silêncio taciturno, em que se limitara a mover para trás e para diante, muito merencório, uma camioneta.

— Não achas que já estamos aqui há muito tempo? Daqui a bocado são horas de almoço... é melhor irmos embora e depois vimos para cá outra vez, sim?

— 'Stá bem — concordou o amigo. E separaram-se calados, quase com frieza e hostilidade. João, assim que ficou só, fechou-se no quarto a ruminar a sua tristeza,



a consolar-se do choque recebido, na leitura das revistas que lhe falavam dos seus sonhos, das suas aspirações.

Na manhã do dia seguinte, ainda com ligeiros vestígios de tempestade na alma atribulada, o nosso pequeno herói entretinha-se a pôr uma vela num barco de cortiça, quando sentiu no ombro um leve peso, ao mesmo tempo que uma voz amiga lhe perguntava em tom familiar: — Olá, Jó, não queres brincar? A minha mãe deixou-me vir ter contigo.

Era o Quim Zé que voltava, alegre e como descuidado da colisão da véspera.

— Espera um bocado; agora estou a arranjar isto — respondeu João secamente e sem olhar. O amigo pensou um momento e em seguida foi colocar-se em frente do companheiro; após um silêncio hesitante, murmurou em tom de arrependido:

— Ó João, estás zangado comigo? Se foi por eu ter dito ontem que estavas a mangar...

— Não estou — cortou o companheiro entre dentes, sempre de olhos baixos.

— É que eu não disse aquilo por mal... foi de brincadeira.

— Isso estás tu a dizer agora! Eu bem sei que não acreditas.

— Acredito! — asseverou Quim Zé. E depois na ânsia de satisfazer a curiosidade espicaçada:

— Ó João, mas tu viste mesmo um?

— Vi, pois! — tornou ele, ainda agreste. — Mas eu bem sei que não acreditas; o que tu queres agora é saber coisas.

— Não é, Jó, acredito! Desculpa-me ter dito aquilo; não foi por mal.

João calou-se um momento; e a seguir, aproveitando

a oportunidade para consolidar o entendimento mútuo:

— Mas acreditas a sério?

— A sério, palavra de honra!

— Então está bem, conto-te mais coisas — confidenciou reconciliado. — Mas não digas nada a ninguém, ouviste? Depois eu peço para te deixarem andar. Mas vê lá, guarda segredo!

— Está descansado.

\* \* \*

João revirou-se mais uma vez no seu cobertor. Estas recordações, lentas e pormenorizadas, tinham-no acompanhado alegremente através da noite que deslizava imperceptível. Agora talvez fosse melhor dormir. De repente, uma luva abriu docemente a porta do quarto. Teve um sobressalto: que seria? Esperou ansioso um décimo de segundo, até que surgiu o rosto pàlidamente iluminado de Króniss.

— Estás acordado, João? — perguntou o venusiano num sussurro.

— Estou — respondeu no mesmo tom o pequeno.

— Então veste-te depressa e vem comigo sem fazeres barulho.

João arranjou-se a correr e passou-se para os braços do amigo que, envergando um equipamento semelhante aos que já vira no Pégaso, se elevou com ele um pouco acima do solo, atravessou o quintal, saiu da sua propriedade e se encaminhou para perto da capela de S. Jacinto, onde, entre os pinheiros e um renque de caniços, esperava uma astronave.

— Ih! que disco tão grande! — exclamou o pequeno, ao atentar nas imponentes proporções do aparelho.



— Sim, é grande, é um disco especial. É que o passeio de hoje é para longe, para muito longe... — respondeu Króniss como distraído e com um ar de mistério.

— Para onde? — interrogou João, sinistramente inquieto.

— Para Vénus — respondeu o amigo em voz grave e pausada.

— Para Vénus! — repetiu soturnamente o pequeno, sentindo ruir tudo à sua volta. Um nó dilacerante lhe embargou a voz na garganta e afloraram-lhe aos olhos lágrimas pesadas. Lembrou-se dos pais, das irmãs, dos amigos, da sua casa, da sua terra... Partir para Vénus, para tão longe... ficar tão só... numa terra estranha... que horror! Quando ao cabo de um imenso minuto conseguiu falar, foi como se lutasse com as palavras, a que imprimia entonos de súplica e desespero.

— Para Vénus! E os meus pais?! Como é que eles vão ficar, quando eu desaparecer? E depois nunca mais os vejo! Não quero ir! Não quero ir!

— Então, João, mas o que é que te deu? Porque é que estás com tanta atrapalhão?

— Porque é que me querem levar para Vénus? Fiz algum mal? É para me castigar de alguma coisa?

Króniss tomou um ar pesaroso.

— É assim com essa desconfiança que pagas aquilo que fizemos por ti? Julgas que somos como os homens da Terra, que passam a vida a matarem-se uns aos outros?

— Desculpe — murmurou o rapaz, algo penalizado com o tom de voz do amigo — mas eu... e os meus pais?...

— Os teus pais são avisados, deixa lá! Vais connosco

três meses e depois tornas a vir. Parecias tão desejoso de ver coisas novas...

— Sim, mas...

— Anda, se queres continuar a ser nosso amigo. Não podemos perder tempo; se não queres vir... adeus, que não nos tornamos a ver.

João fixou no disco um olhar vago, e depois entrou maquinalmente atrás de Króniss; este deu-lhe uma roupa especial e mandou-o deitar-se numa cama articulada. Enquanto se vestia o pequeno ruminava consigo mil conjecturas e perguntava-se apreensivo se não teria sido a confiança feita ao Quim Zé a causa de todo este desgosto. Por fim ajeitou-se ao estranho leito e, de repente, uma grande pressão nas pálpebras obrigou-o a fechar os olhos; à custa de ingente esforço pestanejou ainda, soltou um monossílabo surdo, e descaiu num sono pesado e profundo, sem sonhos.

*Aqui Lua!*

Entre fumos de semi-consciência, indecisa na penumbra que lhe pesava nas pálpebras, João cuidava distinguir sombras várias a moverem-se em volta de si. Preso ainda à irreabilidade, balbuciou uns monossílabos sonolentos e esfregou os olhos, com gestos pesados, imprecisos.

— Graças a Deus que já acordou! — suspirou uma voz. — Cheguei a pensar que tudo ia acabar mal.

— Era de facto um caso apreensivo — respondeu outra. — E para mais uma criança... Mas enfim, já se esvaíram os receios e nós retiramo-nos.

Saíram os dois lentamente. Ao cabo de minutos, um agradável odor se espalhou no aposento, odor que o ajudou a despertar por completo. Soergueu-se com esforço e vagueou os olhos pelo compartimento: ao pé de si estava Króniss em atitude de sorridente expectativa; no tecto, duas lâmpadas suaves, assestadas sobre o seu colchão pneumático; em volta, cadeiras metálicas simples, e mais perto do leito uma mesinha vitrea de um só pé, sobre a qual se encontravam uma cafeteira e uma chávena. Um pensamento o avassalou: — «o disco!» — e logo quentes lágrimas de saudade e de cansaço lhe afloraram aos olhos esgazeados.

— Ai o meu coitadinho, que já começa a chorar outra vez! — animou o amigo, brincando com a voz e inclinando-se para ele.

João não o ouviu; a sua ideia fixa eram os pais, as irmãs, a sua casinha, a sua terra, que deixava não sabia se para sempre.

— Sempre é verdade que vamos para Vénus? — perguntou enfim, abstracto, com a tímida esperança de que fosse tudo um sonho e terminasse com o despertar.

— Então, pois claro! Não foste mesmo tu que entraste para o disco lá na terra?

— Não pensei bem no que fiz. Eu tinha medo de nunca mais ficarmos amigos.

O venusiano riu jovial, na certeza de ir lançar uma cartada, um trunfo, que faria pender a balança para o seu lado.

— Ora que homem nós temos! Se tivesses de comandar uma esquadilha e andar por esses espaços fora, como é que podíamos contar contigo? Eu sempre julguei que gostavas desta viagem; mas se tens medo... voltamos para trás e tu ficas na tua terra, e nós vamos buscar outro amigo.

Mau! Króniss a chamar-lhe medroso, isso é que não estava bem! Ele medo não tinha; era só por causa dos pais, que ficavam aflitos sem saberem dele...

O amigo consolou-o:

— Deixa lá, homem! Os teus pais escreves-lhes quando chegarmos à Lua, e depois podes dizer tudo o que quiseres.

— Nós vamos à Lua? — perguntou João, animando-se.

— Ora estás a ver que já gostas da viagem? Pois claro que vamos.

Ah! Isso já era outra coisa! Ir à Lua, escrever de lá aos pais, andar por lá como o Tim-Tim... e depois ir até ao planeta Vénus onde ninguém ainda foi... afinal não era mau de todo. E quando viesse e provasse

que era verdade tudo o que dissera sobre discos voadores e habitantes de outros planetas... ah! como os pais iam ficar boquiabertos com o seu saber e com a sua importância!

Króniss cortou-lhe os pensamentos.

— Agora vou-te mostrar o disco; mas primeiro bebe esta coisa, que te dará novas forças.

João saltou para o pavimento e, pegando na chave-na que o venusiano lhe oferecia, bebeu a grandes goladas a sua aromática bebida.

— Gostaste, an? — sorriu Króniss, ao notar-lhe a expressão de contentamento. O pequeno respondeu que sim com um aceno todo iluminado pelo satisfeito olhar.

— Então vais beber outra, sim?

Satisfeito o gosto de João, seguiram os dois por um corredor estreito e curvo, iluminado brandamente por uma luz azulada, que dava um aspecto de quietação e de suavidade às paredes metálicas. Poucos passos andados, toparam com uma porta, que se abriu silenciosamente, quando Króniss premiu um botão.

— Aqui é a cabina de pilotagem — advertiu o venusiano em voz moderada.

Entraram. Iluminava profusamente o compartimento uma luz difusa, que parecia irradiar docemente das alavancas, tubos, mostradores; ao centro, um homem seguia atentamente os dados de vários registadores embutidos numa coluna de aparência vítrea; à esquerda um outro olhava para uma espécie de televisor; à direita, a uma escrevaninha metálica, escreviam dois estranhos personagens de ar concentrado e ponteaguda pera. Depois de ter dado uma olhadela pelo conjunto Króniss perguntou jovialmente:

— Então?... Tudo bem?

— Não podia ir melhor — respondeu o que estava



à coluna, examinando os registos. — E o vosso discípulo, que tal vai ele?

— É um valentão! — exclamou Króniss, virando-se a rir para o pequeno. — Eu parece-me que já nem tinha medo de lhe entregar o comando do disco.

Riram todos; João riu também um riso muito escondido, mas que revelava bem o seu prazer de se ver alvo de todas as atenções.

— Qual é a nossa posição? — perguntou Króniss bruscamente.

— 100 000 quilómetros da Terra — indicou o da coluna.

— Então vou levar aqui o João até ao retrovisor; é uma boa ocasião.

— De facto, deve deixá-lo encantado.

Saiu. João, parado no limiar da porta, não desprezava o olhar da confusão luminosa da aparelhagem que o fascinava. A voz seca do amigo arrancou-o, porém, ao êxtase e ele, sacudindo a cabeça como para se libertar do encantamento, lá seguiu através do corredor até uma nova porta, subtilmente engastada na parede. Króniss premiu um botão como de campainha e a porta abriu-se, deixando entrever uma saleta onde se acendiam soluçadamente duas ou três lâmpadas de fluorescência. Devia ser uma biblioteca, pois as paredes estavam encobertas por estantes de plástico, atochadas de livros de bonita lombada a cores. No meio, levantava-se um pouco acima do pavimento, um tubo de considerável diâmetro, provido, no cimo, de uma grande lente côncava; aos cantos esperavam convidativas poltronas. Króniss foi logo direito ao meio da sala e, debruçado sobre a lente, chamou o pequeno.

— Anda aqui ver isto, João.

Ele aproximou-se e olhou por sua vez o vidro. O que viu deixou-o deslumbrado: no fundo negro do reflector, parecendo quase ressaltar na lente, trepidava uma esfera de um belo tom azul, de contornos um tanto indefinidos e gasificados.

— Essa bola que aí vês é a terra — disse-lhe Króniss, antes de ele ter tido tempo de balbuciar qualquer coisa.

— A Terra?... Oh que linda! — exclamou João, contemplando-a fundamente maravilhado, e intimamente satisfeito por ter nascido no nosso planeta. — Porque será que ela treme tanto? — perguntou intrigado, após um instante de contemplação.

— Ah! isso é devido à vibração do disco, não julgues que é ela que dança dessa maneira! — respondeu o amigo a rir. E passado um momento:

— Diz-me cá: gostas de ler ?

— Gosto, pois.

— Então ainda bem. Vai-te entretendo com as revistas e os livros que aí vês, enquanto eu vou trabalhar um bocado. Eu depois venho-te chamar, está bem?

— Está bem — repetiu o pequeno astronauta com resignação.

— Não te esqueças de tornar a pôr tudo no seu lugar! — recomendou já do limiar.

Assim que ele saiu, João deu-se logo ao trabalho de procurar uma revista que o ajudasse a passar o tempo. Tirou um volume à sorte: matemática. Ui! matemática! Ele abominava a matemática! Correu a outro canto. Oh, surpresa! Aquele grosso volume era... Era mesmo certo que tinha na sua frente as páginas familiares do seu Pégaso, e tão magnificamente encadernado que dava gosto ler! Sentou-se. As histórias já sabidas iam tomando matizes novos sob o seu olhar novo também: ao ver o *Tim-Tim na Lua* deu-lhe vontade de rir: ele

também ia para a Lua, mas desta vez a sério. Ainda era mais aventureiro do que o Tim-Tim, an?

— Se quem escreveu esta história, soubesse que eu aqui vou... — pensou. Ah! Se soubessem, que engraçado seria! Até os próprios contadores de histórias ficariam pasmados.

Entretanto, espalhara-se no aposento uma música suave e cadenciada como o embalo de um berço. Sob o efeito dela, sem quase dar por isso, as pálpebras foram-se-lhe cerrando a pouco e pouco, a cabeça descaiu-lhe para o peito, o volume escorregou-lhe das mãos para os joelhos e ele, docemente, adormeceu. Quantas horas assim esteve? Não o soube. Só tornou a dar acordo de si, quando um súbito retinir estridente de campainhas, misturado ao ruído confuso de vozes e brados, o arrancou ao seu plácido dormir com um repêlo brusco. Levantou-se, esfregou os olhos. Foi então que reparou no retrospector e se lembrou da sala e da realidade. A seus pés jazia o volume do Pégaso. Apanhou-o e ia a repô-lo no seu lugar, quando a porta se escancarou com violência e Króniss apareceu no limiar, ansioso, salpicado de óleo?!...

— Estás bem, João?!...

— O que é que aconteceu? — perguntou o pequeno muito cândidamente.

Króniss continuou em frases soltas, nervosas:

— Desculpa não ter vindo mais cedo, mas não pude. Tivemos uma avaria... Por pouco não nos espatifávamos todos! Se não déssemos conta logo...

— Tivemos uma avaria?! E eu que me deixei adormecer! — ponderou João gravemente.

— Então passaste melhor do que eu! — concluiu Króniss, já risonho. — Agora vem daí, que estamos a chegar à Lua.

— Eia! já?

— E ainda bem, não nos aconteça outra que nos atire pelo ar.

Calaram-se e dirigiram-se à cabina pneumática, a fim de se prepararem para a descida, que não tardaria. A Lua parecia atrair o aparelho como um íman poderoso; por sua vez o disco, semelhante a um animal que, ao descer a encosta, finca as patas e retesa os músculos temeroso do abismo, baixava lentamente. Próximo já do solo, a astronave precipitou-se, e com um estremeção pousou. Passaram-se minutos lentos, silenciosos, até que no altifalante de bordo se fez ouvir uma voz matraqueada, monossilábica. Os astronautas movimentaram-se; Króniss advertiu João de que era a ordem para saírem e encaminhou-se para a porta do aparelho, seguido do seu pequeno amigo.

Cá fora, esperavam-nos alguns técnicos, sorridentes, que davam mostras de já estarem ao corrente de tudo. Rodearam os recém-vindos e com eles conversaram animadamente alguns instantes; a João faziam muitas perguntas: se estava contente, como se chamava, onde vivia, chegando mesmo alguns a acariciá-lo, com um gesto fugidio. Em breve, porém, se dispersaram. Króniss fez a João sinal para o seguir e enfiou a passo marcial por um espaçoso corredor, iluminado a intervalos regulares por lâmpadas poderosas. De vez em quando um ou outro homem de serviço postado em cruzamentos do túnel saudava com um gesto mudo os dois companheiros.

Depois de uma larga caminhada, em que o nosso pequeno amigo não cessara de lançar olhares de irreprimível curiosidade à sua volta, chegaram a uma secção onde surgiam, de um e de outro lado, singelas portas brancas.

— Entra nessa porta — disse Króniss, apontando uma — lava-te e veste o fato que lá está para ti. Despacha-te, que depois vamos dar um passeio lá por fora.

João entrou, arranjou-se, e quando saiu já Króniss o esperava, muito aprumado, com um ar de natural distinção, que deixou encantado o companheiro. Este vinha todo esgueldado, e Króniss teve de o pentear, porque ele não sabia...

Comeram em seguida, tal como se come na terra, e depois meteram-se ambos num disco voador, que os passou através da esquelética e impressionante paisagem lunar. Contemplaram os edifícios gigantescos da base, encaixados numa sombria cratera, admiraram as cordilheiras cerradas como a espinha dorsal de monstros prè-históricos, vaguearam pelas planuras chapadas de sol redardejante, colérico, brutal. Em seguida o aparelho arrancou velozmente e alcançou, um quarto de hora depois, o hemisfério onde campeava a noite, silenciosa e parada.

O panorama era imponente. Uma luz oleosa se espalhava sobre a fantástica paisagem, suavizando as arestas e pontas das montanhas, amolecendo a rigidez aos penedros abruptos esquinudos; as sombras projectadas nos plainos tinham configurações de pesadelo; o solo, cheio de fendas irregulares e negras, parecia em transe de desagregação. Em dado momento o disco fez uma viragem e um jorro lívido de luz penetrou no interior, dando de chapa no rosto de João, que pestanejou, desviando instintivamente o olhar; mas recompôs-se rapidamente, e o que então viu deixou-o estupefacto: no céu negro e semeado de estrelas planava a Terra, como uma aparição de sonho. Era tudo confuso; e João tinha a sensação nítida de flutuar no espaço, afigurando-se-lhe





*...No céu negro e semeado de estrelas, planava a terra...*

o espectáculo cenas da imaginação poderosa de algum contador de histórias de fantasia.

Regressaram à base. João pôde nessa altura escrever para casa a tranquilizar a família.

*Meus queridos pais*

*Desejo de todo o meu coração que esta carta os encontre de saúde. Certamente estão apoquentados com o meu desaparecimento, mas não se aflijam que eu vou bem. A estas horas estou na Lua. A Lua é formidável, com muitas serras, muitas crateras de vulcões e planícies maiores do que a que vai até S. Martinho, mas não tem árvores. Podem estar descansados que eu estou bem e daqui a três meses já volto a casa.*

*Muitas saudades e beijos para os pais e para a Lena e para a Luísa e para a Guida.*

*Seu filho que muito os ama,*

*João.*

*Digam à Lena que agora já se não pode rir de mim, e à Guida que isto era aquilo que eu lhe dizia.*

Passados alguns dias de repouso, de novo o disco se lançou mais os nossos amigos através do espaço imenso, caminho de Vénus.

## CAPÍTULO IV

### *Folheando o passado*

Já a Lua ficara havia muito para trás, quando Króniss, para quebrar a monotonia da viagem, resolveu contar a João a história do seu povo. Reuniam-se na biblioteca e o pequeno, folheando livros de soberbas fotografias e estampas coloridas, escutava deliciado as narrativas do amigo. Eram essas para ele as horas mais agradáveis do percurso, uma vez que a minúcia dos técnicos o impossibilitava de se expandir à vontade dentro da astronave.

— Dantes — principiou Króniss, refastelando-se comodamente numa poltrona e cruzando a perna com vagar — quando o planeta Vénus estava coberto de grandes mares e não existiam ainda as terras que mais tarde se formaram, levantava-se no meio do Oceano, ao Sul do planeta, um grande continente alongado, coberto de florestas. Nessa terra colocou Deus os primeiros homens, à beira do mar. Aí se espalharam e tornaram um povo numeroso, fundaram muitas cidades e foram penetrando a pouco e pouco pelo continente, que era muito grande e muito perigoso. Um dia depararam com uma serra altíssima de grandes blocos de pedra a pique, barrando-lhes o caminho. Pararam. E logo se foram criando lendas, contando a impossibilidade de ultrapassar o obstáculo. Durante muitos anos ninguém se atreveu sequer a tentar a passagem; mas com o andar dos tempos inventaram-se barcos e alguns homens mais arroja-

dos resolveram costear a serra e passar ao outro lado. Assim fizeram; mas essa expedição não regressou. E as lendas cresceram, mais assustadoras. Ora quatro anos passados sobre a primeira expedição, novo grupo de homens se aventurou além da temerosa barreira, que circundaram por mar durante muitos quilômetros. E uma tarde encontraram os barcos dos desaparecidos, ainda com armas, roupas e até mantimentos, encalhados numa linda praia. Saltaram em terra; ao aproximarem-se da orla da floresta que avistavam da praia, notaram com terror dois lagartos enormes avançarem para eles a grandes passos pesados. Fugiram precipitadamente para o navio e fizeram-se ao mar. Quando regressaram à terra, jubilosos, contaram tudo quanto haviam presenciado. As suas afirmações entusiasmaram muitos homens que, bem armados, se fixaram naquelas paragens, fundando pequenas cidades e preparando as terras para o futuro. O Rei protegeu-os com o exército, mandou rasgar estradas, preparou novos portos, ordenou a exploração de minas. Tudo corria bem. O país progredia e pensava-se fundar uma nova cidade num planalto do interior.

Mas um dia... o Rei caiu doente e morreu. Os seus dois filhos, desdenhosos dos bons conselhos que à hora da morte o pai lhes dera para viverem em paz e sem más ambições, queriam ambos governar sôzinhos o reino. Como o conselho dos Sábios e homens de leis estivesse quase todo a favor de seu irmão, o mais novo refugiou-se com alguns companheiros na parte do país que ficava para além da barreira e conseguiu organizar um exército contra o mais velho.

Uma noite, à falsa fé, aproximou-se das terras da beira-mar, e devastou-as, incendiando-as depois; o irmão organizou também o seu exército, e nasceu uma

guerra terrível que ensanguentou a terra durante dois anos. O irmão mais novo, a quem os animais gigantes invadiam as cidades sem defesa, vendo o seu povo desanimado, desistiu da guerra e deixou de fazer ataques ao irmão. Este, que também estava sem forças, aproveitou a ocasião para ir restaurando as cidades em ruínas; e o reino voltou a progredir. O povo começou de novo a gozar a antiga felicidade; o rei casou e nasceu-lhe uma filhinha.

Então os conselheiros, fazendo-lhe ver que era tempo de ficar senhor de todo o país, incitaram-no à guerra. Só os sacerdotes do grande Templo do Mar, situado na extremidade do país, no alto de uma falésia batida pelas águas, o aconselharam a fazer as pazes com o irmão e a ficar cada qual com a sua parte. O Rei não se importou; riu-se deles e tratou de mandar abrir uma passagem pela grande barreira de pedra. Aparelhou ao mesmo tempo uma esquadra, e preparou-se para invadir o reino de seu irmão. Mas o que ele não esperava era por uma coisa que lhe foi estragar os planos todos.

— O que foi? — cortou João, interessado.

— Foi isto: o irmão...

Um retinir seco de campainha insistente deteve a narrativa de Króniss, que se ergueu, dizendo para o pequeno ouvinte:

— Estão a chamar, anda comigo. Vais aprender a manobrar um disco voador. Depois te conto o resto.

João seguiu-o. Recebeu a primeira e interessante lição, comeu, brincou, repousou, e voltou a ouvir a história do povo de Vénus.

— Lembras-te aonde íamos — retomou Króniss.

— Lembro: íamos no sítio em que o rei estava para invadir o país do irmão, mas houve uma coisa que lhe estragou os planos.



— Sim. O Rei quis invadir o país do irmão e confiou uma parte do exército ao seu melhor general, que o devia conduzir através da passagem aberta na barreira; ele próprio ia na esquadra, ficando combinado encontrarem-se todos num certo sítio, rodeado de lagoas. Mas o irmão, informado de tudo pelos seus espiões, mandou um batalhão a guardar a barreira; e quando os inimigos a atravessavam, desprevenidos, os soldados do batalhão atacaram-nos, deixando rolar sobre eles grandes pedregulhos e matando com flechas envenenadas aqueles que escapavam dos rochedos. Foi uma mortandade; os poucos que conseguiram salvar-se fugiram para as suas terras.

O Rei, entretanto, chegou ao sítio combinado. Levantou o arraial e esperou o resto do exército. Mas eis que de madrugada foram atacados furiosamente pelos inimigos. Era ainda escuro. Os atacantes, a coberto do lusco-fusco, pareciam fantasmas a dar aos braços. Surpreendidos, os invasores começaram a lutar desesperadamente; mas era impossível resistir. E deitaram a fugir em todas as direcções, morrendo muitos afogados nos pântanos, perdendo-se outros na floresta, onde os animais ferozes os devoraram. O Rei lá conseguiu escapar através de mil dificuldades, e embarcou para a sua terra, junto de alguns sobreviventes. O irmão, para se vingar, invadiu então o outro país e a guerra aumentou horivelmente, caindo os povos em miséria pior que a de outrora.

Um dia o Rei, querendo tentar uma nova e desesperada empresa, foi consultar os juizes de Deus ao grande Templo do Mar, que ficava no alto de uma falésia, como te contei artás.

— Sim — concordou João, para respirar.

— Os sacerdotes, de quem o Rei tinha escarnecido

em várias outras ocasiões, receberam-no muito friamente, mas atenderam a sua petição. Fizeram os preparativos, fecharam todas as portas, e na parte mais sagrada do Templo, uma grande sala onde a luz só entrava por uma janela redonda aberta ao cimo, todos os sacerdotes, com o seu chefe a presidir, se prostraram a implorar a luz do céu. Só de lá saíam para comer e voltavam logo. Noutra sala, o Rei esperava ansioso; o ribombo das ondas, ecoando pelas salas do Templo, punha-lhe grandes medos no coração, dava-lhe uma estranha tristeza. A um conselheiro que trouxera e o tentava consolar, só respondia:

— O coração diz-me que há desgraça! O coração diz-me que há desgraça! A minha vida está enfeitada.

E passeava dum lado para outro, em passos muito tristes e muito arrastados, fitava de vez em quando, através de uma fresta as águas escumantes e murmurava de si para si, com os olhos perdidos no passado:

— Até o mar se pôs bravo! Vai acontecer desgraça com certeza!

Passaram dois dias. À tarde do segundo, o Grande Sacerdote mandou chamar o Rei. Quando este chegou em frente da tribuna das respostas, o Grande Sacerdote ergueu-se lentamente, cheio de majestade e, depois de vagar os olhos pelos outros sacerdotes, reunidos em volta, disse num tom de voz misterioso:

— Escutai. Deus tinha dado um lindo país a um Rei valente e bondoso. Esse Rei teve dois filhos; ao mais velho devia pertencer o trono, ao mais novo seriam prestadas grandes honras. Mas o mais novo, com o peito cheio de inveja e ambição, cobiçava mandar e revoltou-se, arrastando atrás de si metade da nação enlouquecida. Foi isso causa de uma grande e horrível guerra. Qual dos dois tinha razão?

— Era o mais velho — afirmaram em voz cava os sacerdotes.

— Sim, era o mais velho — continuou o Sumo Sacerdote. — Mas considerai agora que ele, em vez de respeitar as ordens de Deus e procurar a paz, se tornou igual a seu irmão, aprendeu com ele a ser louco e o procurou destruir, quando tudo se podia dizer já regulado. Qual dos dois tem razão agora?

— Nenhum! — tornaram os sacerdotes na mesma voz.

O Rei ia para falar, mas o chefe dos sacerdotes ergueu o braço e continuou mais forte, com o rosto alumado pelo clarão tremente dos grandes lampadários:

— Esses príncipes, ó Rei, sois vós, tu e teu irmão! Ele estava louco; agora também tu enlouqueceste. Riste-te das nossas palavras, desprezaste os caminhos de Deus; por isso a morte descerá o braço sobre ti e como o fumo tu desaparecerás. O teu reino será afligido por grandes desgraças, o céu se tornará como o sangue e o enxofre e as ondas comerão a terra!

Ao escutar estas coisas, o Rei sentiu-se invadir por um grande medo; a ver se o disfarçava, começou a insultar o Grande Sacerdote. Os servidores do Templo, indignados, formaram barreira em frente do Rei, ordenando-lhe que saísse de um lugar onde era indigno de pôr os pés. Ao ver os sacerdotes prontos a agarrá-lo, o Rei puxou da espada e berrou, furioso:

— Quem ousa aproximar-se?! Quem ousa aproximar-se?!

Depois, arrancou um punhal que trazia à cintura, atirou-o ao Grande Sacerdote e saiu do templo, com estas palavras enraivecidas:

— Ao menos, se morrer, não morro sozinho!

Os sacerdotes ficaram pregados ao chão com o espanto. O seu chefe, entretanto, com o punhal cravado

no pescoço, cambaleou e caiu pesadamente. Acorreram servidores. O ferido murmurou, então, por entre o sangue que lhe escorria da ferida:

— É preciso deixar esta terra... fazei um grande barco...

Fechou os olhos e calou-se, rendido pelo esforço. Os que o amparavam ergueram-lhe mais a cabeça e ele balbuciou ainda:

— Levareis a princesa, a filha do Rei... ela não tem culpa de o pai ser assim... pertence-lhe a ela ser rainha. Fugi, deixai depressa este país... eu vou morrer.

Calou-se para sempre. Uma hora passada estava morto. Os outros sacerdotes envolveram o seu corpo numa túnica branca e lançaram-no ao mar com grande solenidade, como faziam a todos os sacerdotes que morriam; depois despacharam um emissário disfarçado, a fim de raptar a princesa, e iniciaram a construção do barco a toda a pressa. Uma tarde chegou o emissário com a princesa e um servo do Templo que vivia no palácio do Rei. Trazia notícias ruins: o Rei tencionava destruir dentro de pouco tempo a morada dos sacerdotes. Deu-se maior rapidez aos trabalhos, devido a este alarme, e daí a nove dias já estava tudo pronto para a fuga.

O novo Sumo Sacerdote abençoou então a embarcação, entrou nela e, erguendo a princesa nos braços, virou-se para os sacerdotes e famílias circunstantes e disse:

— Eis a nossa rainha. Doravante se chamará Sália, porque foi salva por ordem de Deus. Entrai.

Embarcaram todos; remando com força, afastaram-se da terra, em direcção ao norte. Passados alguns dias foram apanhados por terríveis tempestades: o barco andava aos saltos na crista das ondas; e de cada vez

que mergulhava nas águas fundas, erguia-se o clamor aflito das mulheres, que apertavam ao peito os filhinhos, tremendo de pavor. Mas acabaram finalmente as tempestades: o navio começou a navegar por águas mansas de um lindo verde transparente; o sol era esplêndido e as nuvens brancas do céu distraíam os navegantes. Uma madrugada muito fresca, apareceu diante dos olhos maravilhados deles uma terra ainda distante, envolvida por um nevoeiro fininho, que parecia mesmo bafo a sair do mar. Entoaram cânticos festivos de acção de graças: era aquela a nova Pátria que Deus lhes destinava.

Entretanto, na terra por eles abandonada, a profecia do Sumo Sacerdote defunto começava a cumprir-se: o Rei e o irmão mataram-se um ao outro numa grande batalha; depois dela, os homens, já sem forças para combater, mas tomados de uma estranha loucura, atacavam e roubavam todos quantos viam e chegavam a comer crianças arrancadas às mães. A seguir a esta miséria vieram desgraças ainda maiores: rebentaram vulcões em muitos lugares, a barreira de pedra que separava os dois países caiu, enterrando muita gente, o sol pôs-se amarelo com os gases e o ar fez-se vermelho como o sangue, por causa do fogo. O povo, desesperado com tudo o que sucedia, errava pelo país fora sem destino.

Uma noite desabou o Grande Templo do Mar e as águas começaram a entrar pela terra dentro, engulindo as ruínas das cidades e afogando todas as pessoas, que não puderam fugir, por não terem barcos. Na manhã seguinte, nada mais restava daquele continente enorme senão uma ilha, habitada ainda por antigos animais e pelas nossas missões de sábios, que lá fazem estudos ou dirigem a exploração de minas.



Por seu lado, os sacerdotes que tinham fugido, ao aportarem à terra descoberta, viram que era um país de grandes florestas e altas montanhas cobertas de neve no cimo. O sol da manhã, faiscando nas cristas brancas dos montes, dava ao lugar uma beleza que os deixou fascinados. Aí se estabeleceram. A princesa casou com um filho do Sumo Sacerdote e reinaram sobre o povo, que rapidamente cresceu. São eles os nossos antepassados.

— E nunca mais tiveram guerras? — perguntou João cândidamente.

— Nunca. Nós procuramos fazer tudo bem feito; e já sabemos que as guerras só nos traziam atraso e mal...

— E depois de estarem naquela nova terra, o que é que aconteceu?

— Depois pronto: espalharam-se através dela, fizeram novos inventos e descobertas, construíram foguetões e discos voadores e mais tarde começaram a tentar a conquista do espaço. Há dez anos que estamos na Lua; já fomos a Marte e a Júpiter. Sabes o que é Júpiter...?

— Então não sei! É um planeta que está a seguir a Marte.

João ia calar-se, quando se lembrou repentinamente de uma coisa; e interpelou, muito ladino, o amigo.

— É verdade! Em Marte há gente?

Króniss riu.

— Eu não vi lá ninguém. Porque é que fazes essa pergunta?

— Por nada, é porque às vezes a gente lá na Terra pensava que havia gente em Marte.

— Olha: não gostavas de ir lá dar um passeio um dia, para ver essas coisas?

— Ah! Pois claro que gostava! — concordou o pequeno com uma risada franca.

— Então quando fores maior... põe-te a pau.

— Está bem.

Fechou-se o ciclo da narrativa, a viagem aproximava-se do fim. João crescia em ansiedade e sentia o coração pular no peito, ao imaginar que em breve os seus olhos iam admirar paisagens por nenhum terrestre ainda contempladas, e que os seus pés iam ser os primeiros do nosso planeta a pisar o solo de um novo mundo.

\* \* \*

Quando João saiu do aparelho e pisou o betão do aeródromo, dividido em compartimentos regulares delimitados por faixas negras, olhou à sua volta, profundamente admirado com o espectáculo: o céu, azul como o nosso, com algumas nuvens brancas a deslizarem lentamente por cima das suas cabeças, árvores semelhantes a pinheiros, plátanos e eucaliptos na orla do aeroporto, uma serra esbatida ao longe... tudo como na Terra. Só havia uma diferença: não estava ninguém à espera deles, ao contrário do que na Terra acontecia. Ele pensava que os habitantes de Vénus também iam esperar os amigos e os conhecidos...

Króniss explicou: é que não convinha fazer grande espalhafato. Depois, quando voltasse para a Terra, sim, teria muita gente a despedir-se dele. Desta vez era como se tivesse ido em missão secreta... não era bom dar nas vistas... agora iam para a estação de caminho de ferro, como se não fosse nada de anormal, estava bem?

Sim, sim, isso era outro caso! Ir em missão secreta,

estava bem! Como os heróis das suas aventuras, o Tim-Tim, o Capitão Edgard, o Professor Mortimer... isso era outro galo que cantava!

João penetrou na automotora verde que os esperava, já com o perfume do mistério a borrifar-lhe a imaginação. Entrou, sentou-se ressaltando nas fofas almofadas, tornou-se a levantar e deu um passo para a janela. Na gare havia bastante gente, uns recostados em bancos, a ler o jornal, outros conversando animadamente na esplanada de um pequeno bar, outros ainda passeando para trás e para diante, preocupados.

Lentamente o veículo arrancou, sereno, com um zumbido macio de atritos suavizados. Króniss premiu um botão no tecto, descendo o vidro a que João encostava o nariz; o rapaz debruçou-se para fora e viu, para além das pequenas asas triangulares das trazeiras da carruagem, o carril único sobre que ela rodava. A velocidade era boa, o veículo parecia empurrado pelo vento, com o enlevo de uma criança na condução do seu brinquedo predilecto. Planícies a recordarem prados, leiras de fresca terra acastanhada, como à espera do gesto do semeador, colinas onde vicejava qualquer coisa com o aspecto de videiras, renques de árvores floridas em mágica polícromia, ao longo de águas lentas, ia tudo ficando rapidamente para trás. De longe a longe branquejavam casarões (celeiros, ensinou Króniss), e perto deles se aninhavam, entre ramalhudas árvores, simpáticas vivendas.

Passado tempo, este cenário desapareceu, para ceder o lugar a cadeias imponentes de montanhas, erigidas de rochas em caos e revestidas de espaço a espaço por copadas e densas florestas; fundo, entre abismos, estrebuchava um rio em luta fremente com os penedos da margem. A tarde começava a declinar, semeando de sombras

os vales apertados; João escutava meditativo o canto fundo de uma ou outra ave perdida nas árvores próximas da linha e vagueava o olhar pela profundidade impressionante dos córregos, agarrando-se à janela, com tremuras nas pernas, de cada vez que reparava nos meandros apertadíssimos da linha e pensava na tremenda possibilidade de se precipitarem fora da via para rolares aos trambulhões sobre as rochas desalinhas. Já o mesmo acontecera ao Professor Mortimer, por exemplo no Enigma da Atlântida, e vá lá que tivera muita sorte, senão...

À medida que avançavam, as montanhas iam-se tornando mais baixas, menos abruptas e foram-se resolvendo a pouco e pouco numa região de veigas floridas, com vinhas e pomares. As casas abundavam, adornadas de flores, sombreadas por caramanchões. João estava admirado.

— Afinal isto é como lá na Terra!

— Então como é que querias que fosse? — perguntou Króniss, acendendo um cigarro.

— Pensei que era diferente.

— Ah! Pensavas que isto era como aquilo que vem nas revistas...

— E é parecido! — afirmou o pequeno, com muita convicção. E de repente, numa iluminação brusca:

— Porque é que não vem mais gente na carruagem?

— Não te disse já que era por causa de ser assim uma coisa secreta? — respondeu o amigo, insistindo nas palavras.

— Ah!

João debruçou-se de novo da janela, prescrutando com o olhar as paisagens, dulcificadas pelo avançar espaziguante do anóbitecer. Passados momentos demorados, tornou a virar-se para Króniss.

— Vocês não têm estradas?

— Temos; são poucas, mas temos. Em comparação com as da terra usam-se pouco. Em geral todos viajam de disco ou de comboio e, além disso, os nossos carros particulares também podem voar um certo espaço.

— Ah! Isso é que era formidável, ter um carro capaz de voar!

Króniss divertia-se com a admiração do seu pequeno amigo.

— Certamente ainda vais ter mais coisas de que te admirar. Olha, já falta pouco para a capital.

— Como é que se chama?

— Mina.

De facto, em menos de vinte minutos apareceram os primeiros indícios das massas sombrias dos grandes edifícios da cidade, esfumados nas sombras do crepúsculo. Uma ou outra luz se acendia nas janelas, circundada por ténue neblina.

Chegaram à estação. No cais havia bastante gente em movimento. Dentro de um café, conversavam e riam pessoas bem apresentadas. Quando saíram da carruagem houve um certo movimento de curiosidade nos circunstantes, alguns olhares a fixarem-se em João, mas no borborinho geral os dois amigos passaram despercebidos. Atravessaram os magníficos salões, todos emoldurados de azulejos, e à porta do exterior, que dava para uma larga avenida ajardinada, viram à sua espera um homem de uniforme. Króniss foi direito a ele e apertou-lhe a mão com amizade.

— Então que há de novo, Seldorf?

— Que quereis vós que haja de novo? A única coisa que lá desperta mais interesse é a vossa chegada.

— Compreendo. Vamos lá então.

Entraram para o automóvel de formas curvilíneas,



cujas portas o outro abria. João, com as mãos e o rosto apoiados na cabina transparente, olhava os outros carros que se cruzavam céleres com o seu, admirava os bem delineados e frondosos jardins dos lados da via, aos quais a iluminação emprestava tons exóticos e variados, contemplou um repuxo brilhante, no extremo da avenida e extasiou-se em seguida diante dos escaparates resplandecentes dos grandes estabelecimentos. Viraram à esquerda, por uma rua estreita e quente; logo a seguir tornaram a rodar, desta vez à direita, à ilharga de uma casa enorme, toda iluminada, com gente apinhada à porta. Era um cinema.

Ao fundo desta rua, levantava-se um imponente edifício, de colunas majestosas banhadas de luz. O carro, chegado lá, parou e João apeou-se como viu fazer aos outros. Dois soldados de sentinela em frente do grande portão, perfilaram-se com aprumo à chegada de Krôniss; um deles virou-se lentamente e carregou num círculo saliente da parede, fazendo ressoar uma campainha longínqua. João, à espera, olhava; o carro fora-se outra vez. O portão abriu-se finalmente, deixando entrever uma sala vagamente iluminada, para onde os dois amigos entraram em silêncio. E o portão de novo se fechou.

— O que é isto? É algum quartel? — perguntou o rapaz, franzindo as costas, ao experimentar a frialdade da sala, toda de pedra nua, a contrastar com o aconchego do automóvel.

— Não! — respondeu em voz mais baixa o amigo.  
— Aqui é o palácio do Imperador.

— Do Imperador? Mas aqui também há Imperador?  
— tornou João, baixando a voz também, por sua vez.  
— Estás admirado? Pois há. Mas agora vais-te dei-

tar, vais dormir descansadinho e eu amanhã venho acordar-te, sim?

— Está bem.

Subiram umas escadas de pedra finamente lavrada e desembocaram num corredor estofado e quente, em antítese com a fresquidão melancólica do lugar anterior. João despediu-se do amigo e entrou no quarto que ele lhe indicava.

Estava contente, no fundo; mas cansado e só, abriu-se-lhe às recordações o coração, começou a pensar nos lugares que deixara tão longe, esqueceu a carta que da Lua escrevera aos pais e ponderou o estado em que haviam de se encontrar, com o seu desaparecimento. Valeu-lhe o sono, que chegou apressado; se não fora ele, teria provado com certeza mais uma vez o gosto das lágrimas.

## CAPÍTULO V

### *Os três Pequenos Amigos*

Toc, Toc, Toc.

.....

Toc, Toc, Toc...

O som dos nós das falanges contra a porta do quarto causou um ligeiro estremecimento em João, que lamuriou qualquer coisa e se virou na cama, aconchegando o cobertor ao pescoço. Króniss, então, abriu a porta devagar, tornou a fechá-la de igual modo, aproximou-se do leito e, puxando os lençóis um pouquinho para trás, acordou o amigo. Inclinado para o pequeno, disse-lhe a meia voz, à guisa de saudação:

— Então, dormiste bem a noite? Bons dias!

— Bons dias — correspondeu o miúdo, esfregando os olhos e bocejando um sorriso de sono. A porta abriu-se nesse momento para deixar entrar uma figura feminina, singelamente vestida de avental branco e trazendo nos braços roupa engomada, que pousou numa cadeira ao pé da cama.

— Bom dia — disse ela para Króniss. E sorrindo com bondade, ao ver os olhos piscos e o rosto contraído de João.

— Passou bem, ele?

O nosso herói ia a fazer um esforço para responder, mas Króniss tirou-lhe o trabalho.

— Certamente! Quando eu aqui cheguei, dormia como um anjinho cansado.

— E eu? Trago aqui o leite, ou ele veste-se...

— Sim, ele vai-se já vestir, mas é melhor trazê-lo aqui.

A jovem servidora saiu; Króniss tornou a aproximar-se do leito.

— Anda, upa, meu dorminhoco, que temos que fazer! Não queres passar o dia inteiro na cama, pois não? Olha que já é dia claro.

Foi abrir a janela: a manhã, difusa e rosada, entrou jovial. João enfiou os calções de um castanho distinto, calçou os sapatos macios e leves, e foi lavar a cara. Króniss deixou a ária que estava cantarolando à janela e virou-se para ele.

— Arranja-te bem, que a gente vai dar uma voltita por aí; mas primeiro ainda temos de nos apresentar ao Imperador.

João mostrou dificuldade.

— Ao Imperador? Mas eu nunca falei com imperadores... sei lá como hei-de fazer! Porque é que a gente veio para aqui?

— Não te inquietes nem te atrapalhes: fazes como eu. E não cuides que isto é como aqueles reis que tu lias nas histórias, em que eram precisas muitas cerimónias! Cá é mais simples.

Está bem, ele fazia como os outros, pronto! Enfiou a blusa branca depositada na cadeira; depois, mansamente, pediu a Króniss que o penteasse.

Nesse momento entrou a servente com o leite, que depôs numa mesinha de vidro; olhou para João, disse umas palavras sorridentes a respeito da simpatia dele e foi-se embora outra vez. O nosso amigo foi ao espelho limpar a água acinzentada que se acumulara no

cabelo, a escorregar para o pescoço, e gostou de se ver; depois dirigiu-se à mesa e provou o leite, que esperava na chávena.

— Não gostas? — interrogou Króniss, ao vê-lo debicar.

— Gosto, pois — respondeu o miúdo, sorridente.

— Como te via a beber tão devagarinho...

— Isto é para provar melhor.

Aquela bebida não tinha é certo o mesmo sabor, aliás muito de sua estimação, do leite da Terra; era um não sei quê de doçura nunca experimentada, um gosto suave e fino, que o decidiu a tomar três chávenas do agradável desjejum. Saíram do quarto e foram até uma varanda, de onde se avistava o parque mimoso do palácio, bem como parte da cidade, que Króniss chamou Bairro Novo.

— Parece mesmo como lá na Terra! — concluiu João.

Não se demoraram muito porque, segundo Króniss, estava na hora de irem falar ao Imperador. Reentraram em casa e através de corredores encerados dirigiram-se à Câmara das Audiências, na qual entraram por uma porta do fundo. O salão, vasto e adornado, estava repleto de gente; diante deles, num trono refulgente sob um dossel azul e branco, o Imperador, ainda não muito idoso, cofiava a barba venerável; a seu lado a Imperatriz sorria com um sorriso bondoso, que lembrou a João o de sua mãe, distante. Króniss parou a meio da sala; João parou também.

— Meu filho — começou o monarca, dirigindo-se a Króniss em voz pausada e cheia — estamos contentes por teres trazido contigo amigos teus lá da Terra, que depois colaborarão connosco na exploração do Universo.

João estava estupefacto.



— Você é filho do Imperador? — perguntou, baixo, rápido.

— Sou — respondeu o venusiano, inclinando-se. — Mas agora escuta.

— Ah! Já sei agora porque é que viemos para aqui!...

— ...Esperamos que ao voltarem para Terra só levarão de nós boas recordações e nos servirão de grande auxílio na obra em que nos empenhamos. Mandem agora entrar quem espera na outra sala.

Um guarda saiu e voltou logo a seguir, acompanhado de um rapaz.

João afirmou-se bem: aquele rapaz... não, não podia ser!

Mas aquele rapaz... aquele rapaz tinha umas espantosas parecenças com o Quim Zé... Oh! Oh! E era ele, era ele mesmo! Até vinha direito a...

João correu para o amigo e abraçou-o efusivamente.

— Olá, Quim Zé!

— Olá, João!

— Como é que vieste aqui ter? — interrogou surpreso, desligando o abraço.

— De disco voador — respondeu o outro com prontidão.

— De disco voador! Então já sabias tudo.

— Não. Foi o senhor Krôniss que soube que tu me contaste aquilo do disco e me trouxe para te fazer companhia.

João ficou satisfeitiíssimo com o inesperado encontro. Era sempre agradável ter ao pé de si o seu mais íntimo amigo, e depois ficara salvaguardada a sua importância aos olhos dele. Já se não sentia tão só. Com ele podia desabafar à vontade, certo de ser compreendido, a ele podia sem perigo confiar os seus projectos, juntos

podiam mais seguramente apoiar-se um ao outro, face ao mundo que os rodeava.

Deixando o amplo salão das audiências, saíram a passear pelos jardins, onde as pequenas alamedas se entrelaçavam, debruadas de flores perfumosas, ou se abriam em largozinhos refrescados por repuxos caindo como lágrimas. O sol batia já nos telhados com certa intensidade, dando a quem lhe contemplava os reflexos uma sensação de calor, que mais fazia apreciar a frescura das âleas sombreadas do parque. Enquanto percorriam os jardins floridos, João não se esqueceu de recordar ao Quim Zé «que estava a ver como era verdade o que lhe tinha dito dos discos voadores!»; o outro, convencido, concordou. E Króniss:

— Pois é, mas estou a ver que não és capaz de guardar um segredo.

— Sou, pois! — assegurou o pequeno sorridente diante de Króniss, que se sentara num dos sombreados bancos. E diminuindo com o gesto a importância do facto:

— O Quim Zé é que era meu amigo especial, por isso...

— 'Stá bem, 'stá bem! O que valeu foi só teres dito aquilo, senão...

Vê lá se quando voltares à Terra vais apregoar por toda a parte que estiveste em Vénus, e que andaste de disco voador, e que os venusianos têm bases interplanetárias na Lua!...

— Nós não dizemos nada, pois não, Quim Zé?

O companheiro acenou que não. E João, dando um ar de intimidade à voz:

— Eu e o Quim Zé é que como éramos amigos e a gente brincava sempre juntos... Agora aos outros não dizemos nada.

— Vamos a ver.

João espalmou os lábios em movimento de auto-confiança na sua força de guardar segredos e desviou os olhos para o repuxo fronteiro a si, contemplando sem pensar o cair da água. De repente veio-lhe à cabeça uma pergunta.

— E o que é que a gente vai fazer neste tempo todo que cá estamos?

— Não sabes o que hás-de fazer? Há tanta coisa em que te ocupares! Não gostavas, por exemplo, de aprender a guiar um disco voador?

O nosso pequeno astronauta pulou de expectativa.

— E a gente vai mesmo aprender a guiar discos voadores?

— Se vocês quiserem.

— Ah, eu quero! — asseverou João, com um desejo bem profundo e bem patente. Quim Zé secundou a opinião do amigo.

— Estás a ver? E não gostavas de correr o nosso planeta para saberes como ele é?

— Também gostava.

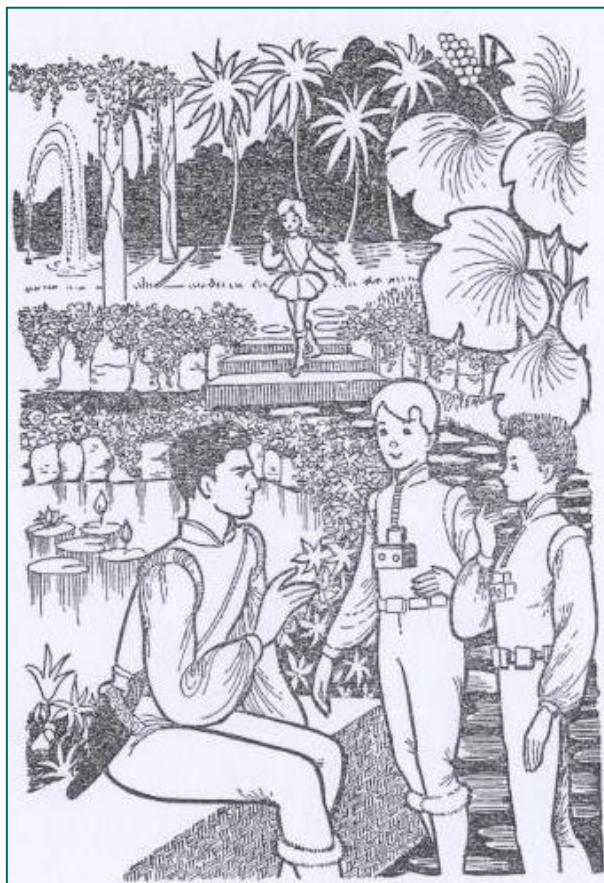
— Então pronto: só isso já dava para ocupar o tempo todo. Mas tu não vais andar sempre em explorações; certamente hás-de passar aqui muito tempo no palácio, mas não cuides que te vais aborrecer: tens os jardins, tens lugares bonitos aí perto para passear, tens o cinema para ir ver, e depois... ainda não viste a minha irmã...

— Também tem uma irmã? — perguntou João vivamente.

— Pois tenho. E é mesmo da tua idade! Podeis brincar os três à vontade aí nos jardins.

— Como é que ela se chama? — tornou o pequeno com interesse.

— Kárine.



*...Nesse momento, apareceu numa encreuzilhada a irmã d  
príncipe...*

— Kàrine?! — fez ele, agradavelmente surpreso.  
— Eu sei uma história muito linda que também mete uma menina chamada Kàrine. Foi a minha irmã Lena que me contou quando eu tinha nove anos; e nunca mais me esqueceu!

— É a história do touro azul, não é, «Jó»? — auxiliou o amigo.

— É. Aquela da filha do mercador, que para comer tirava uma toalha mágica da orelha do touro azul.

— Ainda pensam que vão passar um tempo triste, sem terem que fazer? — perguntou Króniss, como censurando-os.

— A gente também não pensava isso; o que a gente não sabia era o que íamos fazer — desculpou-se João.

Nesse momento, apareceu numa encruzilhada à direita, a irmã do príncipe, olhando em volta com ar de quem andava à procura de alguém.

— Kàrine!

Ao ouvir o chamamento, a pequena voltou-se.

— Ah! vocês estão aí! — exclamou, correndo para junto dos três. — Andava mesmo à vossa procura!

Króniss fez as apresentações.

— Este é o João — explicou, com o braço direito apertando os ombros do pequeno — aquele meu grande amigo da Terra, que eu te dizia; e este é o Quim Zé, um amigo dele, que eu trouxe para lhe fazer companhia.

Kàrine, sorrindo para os rapazes, media-os com o olhar. O irmão continuou:

— Sabes o que eu lhes estava a dizer?

— O que era?

— Eles não sabiam o que é que haviam de fazer



enquanto cá estivessem; e eu disse-lhes que brincassem vocês os três aí no parque, e dessem passeios...

Ela animou-se.

— Ah pois havemos de brincar muito! Vocês gostam de brincar, pois gostam? — perguntou, sorrindo com um ar que lembrou a João a sua irmã mais nova.

— Pois claro que gostamos! — respondeu decidido João. — Lá na Terra a gente brincava tanto aos «cô-bóis», às guerras, e na cidade que eu fiz... Não era, Quim Zé?

— Era.

— E depois vocês dizem-me como são as coisas lá na Terra e eu mostro como são as daqui, sim? — propôs de novo a princesa, com um tom de expectativa gaiata.

— Está bem — concordaram os rapazes. E seguiram com ela para uma visita aos salões do palácio, enquanto Króniss ia fazer alguns trabalhos. Os dois pequenos andavam admirados com tudo o que viam; e nunca se lhes apagou da memória o maravilhoso jantar, tomado em companhia do príncipe e da irmã, numa salinha bonita de um verde suave e repousante. O sabor inédito dos manjares, mais impressivo naquele contacto primeiro, tinha o raro condão de na sua doçura os predispor para o entusiasmo e os inclinar a olhar para todas as coisas com simpatia. À noite foram ao cinema, onde viram as maravilhas de uma história tecida em volta duma viagem a Marte; e os dias se passavam entre brincadeiras e passeios, tornando-se os três pequenos o grupo mais conhecido do palácio, sempre juntos, sempre alegres, sempre buliçosos.

Uma tarde em que brincavam às escondidas — João preferia um jogo de maior movimento, mas a Kàrine era como a Guida, que só gostava de divertimentos

simples — uma tarde, estava João oculto por detrás de uma sebe, em um nicho de verdura, quando ouviu uma conversa intrigante.

— Estão alerta os grupos...? — perguntava uma voz baritonal.

— Todos alerta. — respondeu uma garganta débil e acriançada.

— Bem... a expedição que está planeada vem favorecer os...

Pequena restolhada do rapaz, que apertado entre dois ramos tentara melhorar a posição, e os dialogantes calaram-se.

— Que há? — interrogou alarmada a voz grossa, após um instante de suspensão.

— Não sei, vou ver — prontificou-se a outra.

João estremeceu: ia ser descoberto e com certeza passar aborrecimentos e complicações; não sabendo, porém, o que fazer, deixou-se ficar quieto. Dando uma volta, o homem não tardou a descobri-lo.

— Olha, é um dos terrestres! — exclamou, parando em frente do rapaz. O da voz grossa, homem de rosto seco e aspecto endurecido por aguda pera, acerceou-se também.

— Que fazias aí? — inquiriu ásperamente.

— Ó senhor, eu estava a brincar... — respondeu o pequeno, algo atemorizado com a atitude dos seus interlocutores.

— A brincar?! — tornou o outro, ferinamente desconfiado. — Não estarias a espiar a nossa conversa? Talvez não fosse despropositado contar a Sua Majestade o Imperador esta atitude...

E com intenção, virando-se para o comparsa:

— Eu pessoalmente sempre disse que era pouco conveniente chamar para cá terrestres.

João ia responder qualquer coisa, agreste, quando ouviu chamar pelo seu nome.

— A princesa! — murmuraram os dois homens.

— O que é que foi? — perguntou ela, aproximando-se.

— Oh, não foi nada, princesa — respondeu com um sorriso superficial o da pera. — Andavam a brincar os três? — perguntou ainda, dissimulando uma certa inquietação por detrás da curiosidade.

— Andávamos, porquê?

— Oh! por nada, é porque tudo isto foi apenas uma confusão sem motivo.

— Perdão, princesa.

— Brinquem, brinquem sempre.

Os dois homens afastaram-se em passo nervoso; João e a princesa ficaram a olhá-los por instantes, enquanto Quim Zé se aproximava.

— O que é que eles te queriam? — perguntou ela, quando os viu a certa distância.

— Sei lá! — respondeu pouco satisfeito o miúdo. — Começaram a dizer que eu os estava a espiar e que iam dizer ao teu pai...

— Ah! Não tenhas medo, que não dizem nada. E se disserem... já todos sabem que eles não queriam que vocês viessem para cá...

— Quem é o da barba? — perguntou João, ainda sob a impressão desagradável.

— É um professor e um sábio, chamado Ságon.

— Não gosto dele.

— Eu também não.

Arrumado na memória o incidente, continuaram a brincadeira, que os levou até à borda de um lagozinho de águas trémulas onde lucilavam, coados pelos ramos desgrehados de plantas exóticas, os raios de um sol

ainda quente. Lembraram-se de ver quem era capaz de correr mais depressa por cima do parapeito do mármore; no momento em que, todo animado, João tentava superar os companheiros, Kàrine chamou por ele: e zás! ao virar-se, um passo em falso atirou com ele para dentro da água límpida. Borborinho, água turvada, esbracejar sem tino, e emergiu do lago a cabeça de João, escorrendo água perante os companheiros atônitos.

Passado o primeiro instante de suspensão, Quim Zé virou-se a rir sonoramente, logo seguido da princesa, divertida com o espectáculo.

— Ai que engraçado que estás, João! Só queria que te visses ao espelho.

Não querendo responder a Kàrine sem cortesia, o pequeno limitou-se a um silêncio carregado, saindo da água pesado de corpo e de espírito. A sua pequena amiga percebeu o descontentamento e desfez-se em desculpas, secundada pelo Quim Zé, que já conhecia João.

— Aleijaste-te, João? — perguntava o amigo.

— Não te zangues, que a gente não se riu por mal — dizia a princesa.

João esboçava um sorriso molhado mas convicto e o incidente só contribuiu para cimentar melhor a amizade de todos. Voltaram ao palácio, a fim de ele poder mudar de roupa; no caminho, encontraram-se com Króniss.

— Então o que foi isso, ó João?

— Fui eu que o fiz cair no lago — respondeu muito depressa a irmã.

— Então como é que foi? Zangaram-se?

— Não — interveio o pequeno. — Foi a Kàrine que chamou por mim e eu olhei para trás, depois pus um pé em falso e caí.

O príncipe passou a mão pela cabeça do amigo.

— Não tem importância, pois não? — consolou sorridente. — Até serviu para treino de banho! Olha, anda-se a planear uma expedição de estudo à tal ilha de que te falei no disco voador, aquela que ficou no lugar do antigo continente. Se vocês quiserem ir...

— Você vai?

— Vou.

— Então vamos também, não é, Quim Zé?

— Pois.

— Pronto, ficamos combinados, não é?

— Sim — concordou João. — É verdade, — acrescentou, reparando na princesa, que esperava calada — a Kàrine não podia ir também?

— A Kàrine não — desiludiu Króniss.

— Eu fico à espera de vocês.

— Está bem — assentiu o pequeno, levemente penalizado.

— Bem, faltam sete dias; agora vocês têm de brincar menos, porque precisam de aprender algumas coisas.

Os três dirigiram-se a casa.

— Não gostavas de ir também com a gente, Kàrine? — perguntou João pelo caminho.

— Eu gostava, mas não posso ir...

— Pedê ao teu pai, pode ser que te deixe.

— Não vale a pena, já sei que não.

— Paciência! — rematou Quim Zé.

\* \* \*

Chegou enfim a data da partida. Króniss havia-lhes explicado como deviam proceder, o uso a fazer de determinados aparelhos, a maneira de utilizarem certo equipamento. À tarde do dia apazado, João despediu-se de Kàrine, juntou-se ao grupo dos expedicionários e entrou no disco voador acompanhado de Quim Zé.



Já o sol descaía bastante no horizonte, quando o aparelho se lançou no espaço. No céu estacionavam algumas nuvens de um belo tom laranja afogeadas; diluído na luz suave e sonolenta do crepúsculo que se avizinhava, descobria-se em baixo o mar a arremeter contra os rochedos da costa.

— O mar não parece lá muito contente... — monologou Króniss encostado à escotilha. Ainda somos capazes de ter dança.

— Dança?

— Sim, tempestade — explicou para os dois pequenos, que lhe indicaram já ter compreendido. — E não é nada impossível, sobretudo agora que estamos no tempo delas.

O disco descreveu airoso uma curva larga, distraindo os rapazes daquela conversa, e prosseguiu no seu voo. Minutos volvidos, roçou por eles uma figura conhecida.

— Olha, Quim Zé, quem ali vai...

— Olha, também faz parte da expedição! E o outro!... Olha-o além, João. Que grande chatice!

Ao ouvir os comentários pouco satisfeitos dos rapazes, Króniss interveio curioso de saber quem seria o alvejado.

— De quem estais a falar?

— Daquele homem da pera — respondeu João, sorrindo da imagem cômica surgida na sua cabeça.

— Já conheceis o doutor Ságon? Parece que não gostais dele...

— Eu não — tornaram à uma os dois. João continuou: — andávamos uma vez a brincar, eu mais o Quim Zé e Kârine, e ele veio embirrar comigo, todo zangado, dizendo que eu estava a espiar as conversas dele...

— E que conversas eram?

— Não sei; se os grupos estavam alerta... a expedição que o Imperador ia mandar...

— Ah! devia ser esta expedição.

— E depois disse que me havia de acusar ao Imperador. Eu até fiquei cá a pensar se ele não seria um traidor que anda a preparar alguma revolução.

— Isso são coisas que as histórias te meteram na cabeça! Vocês lá na Terra só pensam nessas coisas.

— Sei lá...

— Não estranhem o doutor Ságon; ele é boa pessoa, é apenas um bocadito rabujento e não gosta muito dos habitantes da Terra, mas de resto é um homem de valor.

De repente uma voz troou: — Atenção! Chamamos todos os tripulantes, atenção! Há formações de tempestade à nossa volta, que atingiremos em menos de dez minutos. Apertar os cintos de segurança. Atenção! Chamamos...

Króniss meneou a cabeça.

— Eu bem tinha dito! Também já era de esperar, agora nesta época do ano... No entanto é sempre aborrecido andar aqui aos saltos.

E dirigindo-se aos dois rapazes:

— Vamos, apertem bem os cintos senão andam por aí aos trambulhões.

— As tempestades fazem mal ao disco? — perguntou João, muito admirado. — Eu pensava que os discos eram capazes de as vencer...

— São coisas muito poderosas; para um disco poder vencê-las todas era preciso ter um tamanho que não havia motores capazes de o fazer voar. Mas temos certas medidas de segurança que afastam bastante o perigo.

Os relâmpagos alumiavam já com fulgor vago o espaço; os trovões reboavam ainda cavos e distantes. O disco baixou um pouco e apressou o andamento. Não tardaram a entrar na força da procela. Os trovões estalejavam continuamente em volta da aeronave, enquanto o clarão dos relâmpagos penetrava lúgubre pelas escotilhas, num insistente chapinhar. O aparelho estremeceu com os ribombos; de cada vez que um homem erguia qualquer alavanca, pulava célere, impetuosa, uma faísca. O rosto de todos revelava bem a seriedade com que encaravam a circunstância.

Mas a tormenta ia ficando para trás e o marulhar profundo e constante das águas servia já de fundo ao ecoar dos trovões. Desapertaram os cintos. Quinze minutos depois voavam em céu livre e, quando chegaram ao seu destino, as estrelas do horizonte confundiam-se com as luzes das vigias, situadas no alto de um monte que se não via.

## CAPÍTULO VI

### *Revolta!*

Na manhã seguinte os pequenos levantaram-se tarde, bem dispostos. Passeando pelos edificios na companhia de Króniss, admiraram em vários salões gigantes-cos esqueletos montados em plataformas, grandes vitrinas repletas de bichos pequenos, aparelhos magníficos de metal reluzente.

— Sabem? — ia explicando o príncipe. — Nós viemos substituir os sábios que estavam cá, a fim de eles poderem ir descansar algum tempo. Caçamos estes animais e depois eles estudam-nos.

— Lá na Terra também se faz assim.

— E para que é que caçam tantos bichos? — perguntou Quim Zé.

— É para saberem como era dantes o planeta! — saltou João, doutoral.

Króniss mudou de assunto.

— Vamos agora até às minas um instante, que eu tenho de partir para a floresta a preparar as armadilhas.

— Oh! Não podemos ir também? — interrogou João, com grande expectativa. O príncipe franziu o sobrolho.

— Hum... vocês não. Aquilo é bastante perigoso e tem pouco que ver. E depois mesmo só iam estorvar os trabalhos, porque vocês não podiam ajudar e era preciso cuidar de vocês.

— Nós não temos medo e arranjamo-nos sòzinhos; não incomodamos ninguém.

— Depois quando formos recolher a caça, sim... está bem. Depois já é mais interessante; agora não vale a pena meterem-se em perigos.

— Oh que pena!... Paciência!

Conduzidos por uma espécie de carrinho eléctrico, depressa chegaram às minas. O metal, que seguia em vagonetas, tinha um nome esquisito e dava uns reflexos azulados, ácidos. Devido à sua dureza e coesão, servia para fazer instrumentos de grande resistência e era ele que revestia exteriormente as naves interplanetárias. Depois de os acompanhar por um momento, Króniss deixou-os.

— Até logo. Não saiam das passadeiras, tenham cautela; e não toquem em nada sem ordem.

— Está bem.

As vagonetas passavam rápidas através do emaranhado de colunas de ferro, que deslumbrava João.

— Isto é que é formidável, Quim Zé! E dizias que eu te estava a mentir!

— Não dizia nada! Aquilo era de brincadeira.

— E quando nos deixarem guiar um disco voador, então é que vai ser! — exclamou o pequeno, com o olhar iluminado.

— O Tó mais o Henrique vão ficar de boca aberta.

— Vê lá se vais dizer alguma coisa a alguém!

— Ná.

— Vê lá se te esqueces.

E esfregando as mãos, entusiasmado:

— Depois, quando a gente for maior, fazemos uma esquadrilha de discos voadores e já não temos medo à Rússia nem a ninguém!

— É verdade...



— Ó Quim Zé, e até se podia fazer uma base debaixo da encosta do meu casal.

— Oh! E depois como é que os discos saíam? Quem passasse na estrada via tudo. Na Lua é melhor.

Tornaram aos edificios. Depois de terem atravessado várias salas com as paredes cobertas de mapas de esqueletos e de armários cheios de frasquinhos rotulados, desembocaram numa nova secção, onde avistaram, conversando, o doutor Sagon mais o conhecido comparsa.

— Quim Zé, olha ali o doutor! — avisou João em voz baixinha e parando.

— Olha-o! — murmurou o companheiro também. — O melhor é irmos para outro lado.

Iam já a retroceder, quando Sagon, erguendo subitamente os olhos, os fixou e lhes atirou em voz áspera, quase num berro onde aflorava a cólera:

— Eh lá, terrestres, que fazeis aqui?! Alguém vos deu autorização para entrardes neste sector?

Apanhado de surpresa, João fez-se mais humilde e pequenino:

— Desculpe, senhor. O príncipe Króniss disse...

— Qual príncipe nem qual carapuça! — cortou desdenhoso o doutor. — Aqui não há príncipes! E ficai sabendo que se tornais... Desaparecei! Não queremos espiões.

Os pequenos saíram furibundos.

— Outra vez, Quim Zé, an? — ponderou João. — Embirrou com a gente!

— Estamos arrançados com ele! Era melhor ter ficado no palácio.

— Também acho; ao menos tínhamos a Kàrine para brincar.

E tornando aos seus pensamentos após a ligeira evocação:

— Mas porque é que ele tem a mania que a gente o anda a espiar?

— Sei lá... é por a gente ser da Terra. Não ouviste a Kârine dizer que ele não queria que a gente viesse para cá?

— Ouvi, mas eu parece-me que ele tem outras razões. Já no jardim me disse que eu o andava a espiar e ainda agora disse que aqui não havia príncipes. Olha que ele é capaz de ser algum traidor ...

— Eu cá também não gosto dele, mas...

— Ouve lá, — alvitrou João — e se a gente o espiasse mesmo? Às vezes podemos descobrir alguma coisa.

— Pois é... mas se somos apanhados?

— Fazemos como os grandes detectives: passeamos como quem não quer a coisa, ou então fingimos que nos perdemos ou que estamos a apertar os sapatos... E às vezes pode ser que nunca nos descubram!

Quim Zé hesitava.

— Não tenhas medo, a gente há-de se arranjar! — alentou João. — Também se eles fazem uma revolução e a gente não descobre nada, ficamos bem arranjados!

— Está bem, pronto — anuiu o companheiro, convencido.

— Vamos então combinar.

Subiram ao terraço, para se furtarem a ouvidos indiscretos, e uma vez lá em cima João retomou a conversa.

— Bem, hoje não podemos tornar àquela secção, mas isso também importa pouco; o que é preciso é espiar o doutor mais o parceiro para ver o que é que eles andam a planear. É claro que a gente não deve também pôr-se muito à espreita, porque isso faz desconfiar; mas a gente finge que está a brincar sem dar conta deles, ou

então que está a dormir, ou que vai a passar, para eles não saberem que a gente os espia.

— Está bem.

— E lembra-te que, se fores apanhado, até deves fazer figura de parvo para despistar. Depois, quando a gente souber alguma coisa ao certo, avisamos o príncipe Króniss.

Dirigiram-se à balaustrada de cimento que lhes ficava em frente e espraíram os olhos pelo panorama. Em baixo, uma estrada descia pelo monte e desembocava num largo, onde se viam dois carros parados; mais além começava uma copada floresta, de que emergiam à direita, esfumados na distância, dois cumes azulados; à esquerda, cintilava o meandro preguiçoso de um rio que se enterrava na verdura como um brinco de cristal.

— Isto é bonito, ó Quim Zé! Até parece nem sei o quê!...

— Parece quando a gente brincava na nossa cidade.

— É verdade.

E pela mente de ambos voltou a perpassar a imagem querida da sua terra distante, da sua casa, da sua família, das suas brincadeiras enlevadas...

\* \* \*

No dia seguinte, reuniram-se de novo no terraço, após a refeição do meio dia. João era portador de uma notícia sensacional: escondido por um armário, ouvira uma conversa entre o doutor e o ajudante.

Dizia o primeiro «que era preciso despacharem-se!» Ao que o outro volvia: «que não, que ainda não estava tudo pronto, que era preciso ter paciência...

«Que se mexessem e não fossem uns atadinhos!» fora a resposta do doutor.

— Olha o bandido! Ó João, não achas que a gente devia dizer tudo ao senhor Króniss? Ouvi dizer que ele chega esta tarde.

— Não, espera — retorquiu o amigo, doutoral. — Isto às vezes pode não ser nada. Primeiro é preciso saber as coisas ao certo, como fazia o professor Mortimer e o Capitão Edgard. Porque se não houvesse nada, o que é que sucederia à gente...! Continua a ver se descobres alguma coisa.

Todas estas razões pesavam muito no seu espírito, mas além delas, João queria oferecer ao príncipe a surpresa do seu engenho. Quando à tarde regressou Króniss, João tornou a recomendar ao amigo que visse lá, não falasse, porque às vezes podia não ser nada e iam fazer figura de parvos!...

O silêncio também não se tornou difícil, visto o príncipe andar muito atarefado e quase só ver os rapazes às refeições, hora nada própria para confidências. Ságon passou também a ser menos intempestivo com os pequenos, mas João, de olho alerta, avisava o companheiro:

— Olha que aquilo é para tapar olhos...

E as investigações continuaram. Mais intrometido e mais excogitador que o amigo, João, depois de ter rondado os suspeitos durante dois dias inúteis, acabou por ouvir uma conversa reveladora e alarmante.

— Não me ponham objecções, arranjem-se que ele morra!

— Está bem, senhor. E os dois terrestres?

— Os dois terrestres... por enquanto não me incomodam; pensarei depois.

João afastou-se pé ante pé da porta que lhe encobria

os interlocutores deste diálogo comprometedor. Estava já a certa distância, quando a porta se abriu, desconfiada, e apareceu a cabeça inquisidora de Ságón.

— Outra vez?! Ah! Agora é demais! Não fizeste caso do que eu te disse... pois vais saber com quem lidas!

O pequeno tremeu todo, ante a avalanche de gestos que avançava para ele.

— Oh senhor, eu perdi-me... desculpe... não podia ensinar-me o caminho do terraço?...

— O quê?! Pensas que me iludes? — redarguiu o doutor, com uma desconfiança ainda novíça. — Eu bem sei que tu és um espião! Vocês os terrestres... Eu direi a Króniss o que tu fazes!

Segue por essas escadas acima, se queres ir para o terraço; e não apareças mais diante de mim!

João começou a subir as escadas muito lento e cabisbaixo, e ainda ouviu uma recomendação sussurrada do doutor:

— Sabe demais: é preciso vigiá-lo. O que vale é que já falta pouco.

Apressou o passo e correu a juntar-se ao amigo que o esperava lá em cima.

— Quim Zé, é preciso falar com o príncipe quanto antes!

O companheiro levantou-se.

— Porquê? Ele saiu não sei para onde e parece que só volta à noite.

— Ora bolas! — tornou desoladamente João. — Querem matá-lo, sabes?

— Matá-lo?! — pulou Quim Zé.

— Fala baixo! — acalmou João. — Eu não sei se é dele que falavam, mas deve ser. E diziam que nós... depois veriam o que haviam de fazer.



— Como soubeste isso?

— Ouvi-o; e até fui apanhado.

— Eu não te tinha dito?

— Eu fingi que me tinha perdido e eles lá me deixaram; mas o doutor mandou-nos vigiar.

— Olha, amanhã vão à selva e vamos com o Króniss e dizemos-lhe. Certamente não o vão matar já.

— Amanhã... vamos mas é sair daqui, porque são capazes de nos virem espiar.

À noite, quando Króniss regressou, João buscou por todos os meios uma ocasião de lhe falar; mas verificou com o coração a arder de fúria que o doutor dispusera tudo para que eles dois nunca se encontrassem a sós. Teve de calar o seu achado. Deitado, não podia conciliar o sono e ainda se revestiu para ir dar ao amigo o alarme salvador; mas temendo uma emboscada e reflectindo melhor no conselho dado por Quim Zé no terraço, tornou a deitar-se e aguardou o dia seguinte.

\* \* \*

Na manhã seguinte, entre inusitada balbúrdia de vozes desencontradas, insistentes businadelas e roncار afante de motores, os homens preparavam tudo para a recolha das presas que por acaso tivessem já caído nas armadilhas. João e Quim Zé, assim que divisaram Króniss em animada conversa com três homens, aproximaram-se logo dele. Ria-se; só os pequenos, preocupados, não participavam da alacridade geral, contentando-se com sorrir contrafeitos às graças do amigo. Decorridos menos de cinco minutos, apareceu o doutor Ságón a chamar o príncipe, deixando no peito de João uma secreta raiva surda a borbulhar. Conversaram os dois em voz baixa algum tempo, durante o qual o nosso

amigo olhava para eles, ansioso, a tentar descobrir algo que pressentia, mas não era capaz de definir. No fim do colóquio, sereno como o de bons amigos, os dois homens dirigiram-se ao grupo em que estavam os rapazes e Króniss avisou-os de que não podiam seguir no grupo dele, pois ia em missão muito perigosa; se não quisessem ficar em casa, iam com o Kátot, um amigo que já conheciam bem.

João, cabisbaixo, sussurrou, com um nó apertado na garganta:

— Eu precisava de falar consigo; é uma coisa séria.

O Príncipe, que não suspeitava de nada, sorriu alegre.

— Falas depois, quando viermos. A meio da tarde já cá estamos.

— Depois pode ser que seja tarde.

— Bem, se tens assim tanta pressa, diz lá. Só está aqui o nosso amigo Ságon, mas ele pode ouvir, não pode?

— Não, tem que ser só você.

O doutor interveio.

— Ele parece que não gosta de mim...

E dirigindo-se ao pequeno:

— Bem sei que sou um bocado áspero, mas não vais ficar meu inimigo, an?

O pequeno não respondeu; Króniss hesitava. Nesse momento preciso, apareceu o comparsa do doutor a avisar o príncipe de que estavam à espera dele. João sentiu que se diluía a última probabilidade: para bem ou para mal, a intervenção daquele homem decidira tudo. Króniss despediu-se.

— Bem, João, estou atrasado, dizes depois quando eu voltar; também não há-de ser coisa tão urgente...

— É, é — murmurou como para si o miúdo.

— Agora... paciência. Digam-me cá: vocês querem ir ou ficam?

— Vamos, pronto — respondeu João, desanimado. — Deus queira que não lhe aconteça nada a si.

— Ora, o que é que me havia de acontecer! Não tenho medo. Adeus.

Enquanto Króniss se afastava, Ságón disse aos rapazes em voz alta, hipócrita:

— Se vocês têm medo de se aventurar pela floresta, fiquem comigo aqui.

— Deixe-nos em paz! — retorquiu João, mal humorado. E virou-lhe as costas.

À parte o do príncipe, que tomara outro destino, os grupos seguiram juntos até à entrada da selva, onde se dividiram. No dos rapazes ficou, além de Kátó e de dois homens com a aparelhagem, o indesejável ajudante do doutor, o antipático indivíduo da voz acriançada. Novo aborrecimento para os dois amigos, mau agoiro para o coração de João. Os pequenos iam tristes. Só quando foram distribuídas armas a todos, eles se distraíram um pouco de seus receios, ao sentirem nas mãos o peso agradável e tranquilizador das automáticas.

Internaram-se na floresta, onde vagueava uma penumbra húmida, feita de sol coado pelas altas ramarias gigantescas e de exalações que se evaporavam das plantas seivosas. Os troncos eram bastos, com lianas entrelaçadas pesadamente nos ramos de maior envergadura. No meio de todo aquele emaranhado, João lançava de vez em quando um olhar furtivo para o cúmplice de Ságón e julgava distinguir-lhe nos olhos um clarão satisfeito de plano realizado, na boca um ligeiro sorriso escarninho, a comprazer-se na impotência do adversário. E sentia um imenso desejo de lhe

atirar com a traição à cara, de lhe gritar bem aos ouvidos que sabia tudo, que eles o não haviam de impedir de relatar ao príncipe a conjura infame! Ah, como tudo lhe fervilhava na cabecita agitada! Mas conteu-se.

Passaram as primeiras armadilhas, vazias, que pouco distraíram os pequenos, absortos nas suas apreensões. Kátot perguntava-lhes se estavam aborrecidos daquele planeta, se alguém os tinha descontentado...

— Não foi nada; era só uma coisa que a gente queria dizer ao príncipe Króniss e não nos deixaram dizer.

E de repente aquilo recordou-lhe que talvez fizesse bem em contar a Kátot alguma coisa: podia ser que se conseguissem desembaraçar do bandido que o doutor mandara com eles talvez para os perder...

De súbito sobressaltou-os um restolhar de ramos pisados e um craquejar de ríspidas madeiras. Pararam. E logo um tilintar de ferros pesados, seguido de urros atroadores, que ecoavam pela floresta e faziam tremer as árvores no solo e os corações no peito, os advertiram da queda de uma presa próxima. Avançaram atentos, de armas aperradas: na armadilha que se lhes deparava, na orla de uma clareira, debatia-se em esticões espasmódicos um monstro enorme, semelhante a alguns que João vira já no Pégaso.

Sob a potência juvenil do animal, os ferros todos da armadilha rangiam, chocalhavam e levantavam-se do solo, fazendo abanar as árvores a que se prendiam as cadeias. Kátot ordenou que estivessem a postos e começou a preparar umas drogas especiais que, lançadas contra o bicho, o tornariam manso e impotente. João, interessado nos preparativos, contemplava os aparelhos, sem se esquecer de lançar frequentes e receosas olhadelas à fera, que parecia mais furiosa do que nunca.

E então, de súbito, ficou paralizado: o animal emer-

gira da armadilha a pata dilacerada e precipitava-se para eles, todo enegrecido e fantasmagórico na sua fúria. Kátó e os dois ajudantes foram instantaneamente esmagados com frenesim insano; o homem do doutor Ságon disparou à toa a carabina atômica e desatou a fugir; Quim Zé e João dispararam também, viram o monstro rodar com um urro agudo atroador e, quando olharam em volta, descortinaram um vulto a infiltrar-se na espessura. Era o cúmplice do doutor que os abandonava.

— Corre, Quim Zé! — gritou João, puxando pelo amigo.

Internaram-se na floresta, correndo desatinados; mas não mais divisaram o homem. Apressaram ainda a corrida, desesperados, com uma grande raiva no peito, a garganta constricta, a boca aberta, arfando com ruído. A cada passo tropeçavam nas raízes, pisavam covas em falso, caíam; levantavam-se e recomeçavam a corrida, mas ao cabo de dez minutos, esfomeados, ofegantes, atarrados, desistiram e sentaram-se numa raiz a chorar.

João cismava com raiva na alegria dos bandidos, quando vissem que tudo correria às mil maravilhas e que eles para ali morriam sem terem podido avisar o príncipe. Ah! Avisar o príncipe! Este pensamento deu-lhe novas energias. Levantou-se com os olhos ainda aljofarados de lágrimas e chamou o amigo.

— Quim Zé, anda, não podemos aqui ficar.

— Não quero andar mais; estou muito cansado, já não sou capaz de andar.

— Queres morrer aqui? — retorquiu João. — Se a gente se deixa aqui ficar, vem algum bicho que nos mata... Não queres tornar a ver os nossos pais?

Sem mais palavra, o companheiro ergueu-se devagar e puseram-se a caminho.





*O animal emergia da armadilha e precipitava-se para eles...*

Vaguearam muito tempo através da luz difusa, que clareara e aquecera mais. Fracos, sem acharem de comer, os pequenos paravam de vez em quando, a tomarem alento. Os vapores e exalações cálidas das folhas mortas atabafavam-nos; mas caminhavam sempre, firmados os dois no mesmo desejo de reverem os seus.

De súbito, Quim Zé passou a mão pela vista, murmurou um monossílabo, que o companheiro não entendeu, e sentou-se num tufo de ervas à beira de uma árvore, cabeça apoiada nos cotovelos.

— Que é que tens? — perguntou João, sobressaltado.

— Não sei, anda-me a cabeça à roda... eu não posso mais.

— Oh, Quim Zé!... anda! Olha que se paramos morremos!

E na sua incomensurável angústia, o pequeno cerrava os punhos e estendia os braços muito ao longo do corpo, frente ao companheiro que o não via. Por única resposta, Quim Zé teve um estremeção arripiado, descaiu para o chão, e desmaiou. João sacudiu-o, chamou-o, examinou-o: em vão. Deu então uma volta de reconhecimento, olhando sempre Quim Zé para se não perder, e deparou cinquenta metros adiante, com uma das armadilhas que haviam passado na vinda. Uma onda de esperança o invadiu. Correu ao companheiro, abanou-o.

— Quim Zé, Quim Zé! Vê se acordas! Estamos a chegar!

O outro não dava sinal de si; João, alucinado, agarrou-o pelos sovacos e começou a arrastá-lo às arrecuas, mastigando palavras de coragem; mas arrastados vinte passos, estava esgotado. Parou. Também ele começava a sentir vertigens. As árvores e o solo pareciam oscilar e afundar-se em espiral, deixando-o suspenso. Sentou-se. Um torpor lento o invadia e arrastava para a

insconsciência, quando um ramalhar agitado o sobresaltou: levantou os olhos e viu uma fera estranha, muito comprida, fazendo geitos de formar o salto. Puxou da pistola precipitadamente e disparou dois tiros seguidos: com um salto enorme, o bicho sumiu-se entre as árvores, deixando-o em paz ansiosa. Depois de ter esperado alguns minutos em alerta, João tornou a arrastar o amigo e de novo o pousou, extenuado. Quis respirar fundo; o ambiente parecia vácuo e afigurava-se-lhe aspirar em vão. Pensou que ia morrer e procurou lançar um último apelo desesperado por socorro, mas a garganta recusou-se a emitir qualquer som. Deu-lhe outro vágado e desmaiou também.

## CAPÍTULO VII

### *Adeus, Kàrine*

— Então que tal, doutor?

— Totalmente fora de perigo; é questão de descanso agora.

— Graças a Deus! No estado em que os encontrámos...

— Não era tão grave como parecia: apenas uma ligeira intoxicação.

Ao ouvir estas palavras longínquas, João tentou um imenso esforço para abrir os olhos, mas as pálpebras pesavam-lhe tanto que mal as conseguiu descolar; ouviu ainda a porta bater com um toque seco, e deixou-se irresistivelmente arrastar para um sono revolto, povoado de sombras alucinantes.

Via-se na floresta, em companhia de Quim Zé, perdidos ambos na espessura. As árvores, apenas eles arriscavam um passo, engrossavam, engrossavam e barravam-lhes o caminho, conjugadas contra os dois na mesma fúria sanguinosa dos conspiradores. Por cima das ramarias, banhadas de um sol pesado e baço, riam as cabeças do doutor Ságon e do ajudante, num riso escarninho e metálico. Depois as cabeças subiram, subiram, sempre a rir, e apareceram uns avejões negros, que deixaram cair sobre os rapazes grandes pedaços de fogo, apagados mal tocavam na terra. Os passarões voitearam em torno aos dois amigos e foram-se transformando paulatinamente nas cabeças dos dois bandidos, as quais, penduradas de balancés, rodopiavam uma em

volta da outra, com a fúria carnavalesca de um carrocel embriagado. No final do bailarico grotesco, desfizeram-se em fumo, com um estouro imenso. João tossia e esfregava os olhos. Então qualquer coisa o elevou e empurrou para cima a toda a velocidade, roubando-lhe por completo as forças. Lá muito no alto, foi balançado um pouco pelo vento e depois caiu desamparado... ia morrer. Rolou o tempo e ele sem alcançar o solo. Espreitou pelo canto do olho. Nesse instante, bateu-lhe no rosto uma folha, como dolorosa bofetada. Em baixo esperava-o o chão e a morte. De súbito estremeceu, deu um salto na cama... e acordou.

Olhou em roda na penumbra do quarto: à esquerda estava uma cama branca.

— Quim Zé — chamou em voz abafada — és tu?

Ninguém lhe respondeu. Repetiu a pergunta.

— Quim Zé...

— Hum!... — resmungou o companheiro, sem voltar a cabeça.

— Estás aí, Quim Zé?

— Hum?... Sei lá, deixa-me dormir!

— Ouve! Já te esqueceste da aventura da selva em que a gente quase ia morrendo?

— Sei lá! Deixa-me dormir.

— Então já não te lembras que o doutor Ságon nos mandou abandonar na selva, para a gente lá morrer?

— Lembro, mas agora quero é dormir.

João não desistiu apesar da indiferença do amigo.

— Escuta, já não vale a pena, já é dia. É melhor conversarmos um bocado. Ouve...!

— O que é que queres? — perguntou Quim Zé, virando-se para o lado de João. Este pensou um instante e recomeçou:



— Já soubeste alguma coisa de novo, depois que nos abandonaram na selva?

— Eu cá não soube nada, só agora é que acordei. E tu?

— Eu também só agora é que dei conta de mim. Acho que me vou mas é levantar e procurar o Króniss; se calhar não desconfia de nada.

— Não vás, é melhor dormir. Quem sabe se ele estará vivo...

— Está pois! Senão quem tratava de nós?

— É verdade.

João espreguiçou-se e enfiou os calções; Quim Zé, não tendo outro remédio, imitou-o. Nesse momento abriu-se a porta com jeito e deu passagem ao príncipe.

— Então, já estão bons ou quê? — perguntou ele de rompante, ao entrar. E sem lhes dar tempo de responderem:

— Se soubessem o trabalhão que tive para os encontrar, perdidos na selva escura!...

— Foi você que nos encontrou?

— Fui, sim. Quando soube que vocês tinham ficado perdidos na selva, parti logo à vossa procura. Já era noite quando os encontrámos.

— Nós perdemo-nos porque eles fugiram de nós! — exclamou João, sentindo renascer a antipatia. — Quando o bicho matou o Kátot, o ajudante do doutor pôs-se a mexer e abandonou-nos.

— Coitado, atrapalhou-se...

— Não se atrapalhou, não! Aquilo já estava tudo combinado. A si não lhe aconteceu nada?

— Não — respondeu Króniss, sem ver bem onde o pequeno queria chegar. — Apenas me aconteceu ir ficando preso na armadilha, mas graças a Deus não houve nada.

— Pois era disso que eu o queria avisar! — tornou João. — Eles tinham decidido matá-lo.

— O quê!? — fez o venusiano, incrédulo.

— Sim, sim. O doutor mais o ajudante querem fazer uma revolução.

— Uma revolução! Que ideia se te meteu na cabeça!

— É ideia, é! Se ouvisse o que eu ouvi...

— O que é que tu ouviste?

— Que era preciso matá-lo a si; e a nós... depois veriam.

— Dizes isso a sério? Onde é que ouviste isso? — perguntou Króniss, sobressaltado por uma dúvida que lhe nascera no espírito.

— Ouvi-o atrás de uma porta, pode perguntar ao Quim Zé.

— É verdade. Ele até ficou apanhado, não quis acreditar no que eu lhe dizia... — concordou o compa-nheiro.

— É, mas se eu não ia espreitar, nunca descobria nada!

Perante a espontânea sinceridade dos rapazes, Króniss começou a acreditar.

— Mas isso é grave! Agora percebo porque é que a armadilha estava estragada.

— A nós também o bicho nos fugiu — lembrou João. — Se não fosse a gente disparar...

— Foi sabotagem então.

— Pois foi.

— Isto é grave, isto é grave — repetia o príncipe.

— Vocês querem-me ajudar?

— Queremos! — assentiram os pequenos com ardor.

— Então vão continuar a espia-los, mas com jeito porque senão podem estragar tudo. Depois contam-me o que descobrirem e quando tivermos provas comuni-



...para logo cair desamparado...

camos ao meu pai, e zás! Apanhamo-los todos. Está bem?

— Está — responderam os dois miúdos. E João:

— Mas é preciso andar depressa, porque aquilo deve ser breve.

— Não te atrapalhes, que eu já cá tenho o meu plano.

Nesse instante um sussurro de vozes abafadas entrou com uma baforada pela janela:

— Despacha-te e não falhes outra vez.

— E os terrestres, senhor?

— Já te disse que preciso deles!

O príncipe correu à janela. Ao mesmo tempo uma sombra planou do lado de fora dos vidros entreabertos e soaram duas detonações rápidas. Króniss, que se debruçara, endireitou-se repentinamente e levou a mão à testa, para logo cair desamparado contra a armação da cama. Os rapazes, atónitos, entreolhavam-se mudos, até que o matraquear de uma pistola no soalho os arrancou ao seu marasmo. Quim Zé apanhou-a lentamente e dirigia-se à janela, quando João o agarrou pela blusa, exclamando em surdina:

— Não espreites, é uma cilada!

Examinaram o amigo morto: o sangue corria pacificamente por um buraco na testa e outro no peito.

— Para que é que a gente cá veio! — lamentou-se João, pesadamente.

— Para que é que a gente cá veio! — repetiu Quim Zé, surdo como um destino.

De súbito ouviram um tropear de passos agitados pelos corredores; num impulso automático, João correu à porta, deu volta à chave e encostou-se à parede, junto do companheiro, em expectativa. Chegado ali, o tropel estacou.

— Abra quem aí está dentro! — gritaram de fora, dando fortes palmadas na porta.

— Não te mexas, Quim Zé — murmurou João, com a garganta apertada.

— Quem aí está dentro abra a porta! — gritaram de novo, batendo mais forte.

Os pequenos continuaram quietos; e ouviu-se uma ordem seca:

— Já que ninguém abre, arrombem-na, vamos.

— O doutor! — murmuraram simultaneamente os dois amigos, ao escutarem a conhecida e detestada voz.

E a porta saltou da fechadura, irresistivelmente. No limiar, a figura intimamente sarcástica de Ságón, com as mãos nos quadris, em atitude onipotente e o olhar num supremo desdém, interpelou-os:

— Olha quem nós aqui vimos encontrar! Aconteceu alguma coisa, terrestres? Ouvimos tiros aqui neste quarto.

Os pequenos baixaram a cabeça mordendo a língua; João ruminava uma resposta.

— Não dizeis nada? Por que razão não abristes a porta à nossa voz? Falai, não vos queremos fazer mal.

— O que você quer sei eu! — mastigou João, sem erguer o rosto.

— An? Que dizes? Pareceis comprometidos...

E dirigindo-se ao ajudante:

— Félon, já que eles não andam nem desandam, vê tu se há alguma coisa.

O interpelado dirigiu-se a meio da sala com uma indecisão hipócrita e olhando em roda, soltou um oh! abafado.

— Que há? — perguntou Ságón, simulando surpresa.

— Senhor... o príncipe Króniss está aqui... morto.

— Morto?! — saltou o doutor.



— Morto! — murmuraram os demais.

— Está aqui uma pistola — tornou o investigador. Perante isto, Ságón investiu com violência contra os rapazes.

— Quem matou o Príncipe Króniss? Foram vocês, miseráveis?

E recompondo-se, depois de por instantes se ter alçado, perante eles, em silêncio:

— Meus senhores, creio que a situação é bem clara e irremediável. Sabeis que foram dadas armas aos terrestres, quando os levámos à selva; mas nunca supusemos que viessem a ter este uso tão trágico; esquecemos que na Terra se matam uns aos outros e não quisemos crer que o crime estivesse no sangue de gente tão miserável.

— Miserável é você! — explodiu João, finalmente, mordendo as palavras. — Mandou matar o príncipe Króniss e agora atira as culpas para cima de nós!

— O que é que tu dizes? — disfarçou o doutor. — Julgas que nos deitas poeira nos olhos? Estás muito enganado; nós já conhecemos os terrestres. Podes falar, podes falar, que nos convences.

— Bandido, bandido, bandido! — continuou João fremente de raiva. — Foi você que o matou!

O doutor enrubesceu.

— Deixa-te de insultos, que isso já é outra coisa. Se não te calas aplico-te duas bofetadas...

— Ora dê lá, se for capaz!... — saltou João, cerrando os dentes com o orgulho do desafio.

— Tu pensas que brincas comigo? É já: tau! tau!

E duas bofetadas estalaram sonoras e solenes no rosto do pequeno. Este lançou-se frenético sobre a pistola que jazia no soalho e apontou-a ao doutor; mas antes de pensar sequer em disparar, o cúmplice de Ságón apon-

tou-lhe ao peito uma estranha arma crepitante, que lhe roubou as forças e o deixou assentado no soalho, a tremer, sem vitalidade para o mínimo gesto.

— Vedes, senhores, nova tentativa de crime. É preciso usarmos de toda a cautela com estas víboras e comunicarmos imediatamente o caso para Mina. Félon, ficam à tua guarda provisória.

Puseram-se logo em contacto com o palácio imperial. Do outro lado do fio, o Imperador escutou a fulminante noticia com o mesmo espírito com que ouviria o fragor de todos os edificios da capital ruindo; do lado de cá, João esbravejava ao lado do doutor, que terminou:

— São gente perigosa. Tentaram acusar-me a mim da morte do príncipe, mas como não conseguiram iludir ninguém, fizeram nova tentativa de assassinio, procurando alvejar-me a tiro, tendo sido felizmente impedidos a tempo. Afinal, como sabemos, portam-se da mesma maneira que os habitantes do planeta a que pertencem. Enviá-los-emos imediatamente para a capital.

Essa mesma tarde meteram-nos em um disco voador e transportaram-nos à capital, para uma cela do palácio, escura e solitária. À porta ficou um guarda. João procurou entabolar conversa com ele.

— O senhor está aqui para nos vigiar?

— Não.

— Então está para escutar o que a gente diz?

O homem riu-se. João continuou.

— Olhe que não fomos nós que matámos o príncipe Króniss...

— Quem foi? — cortou o outro com ironia.

— Foi o doutor Ságon. Ele tornou as culpas à gente, a ver se escapa; mas nós bem sabemos quem o matou, não sabemos, Quim Zé?

— Sabemos, foi o doutor: ele também nos quis matar a nós.

— Ah, ah, ah! Isso é que ele tinha feito bem! Mas vocês não perdem pela demora.

Sem mais palavra, o estranho guarda foi-se embora e não tornou a aparecer. As horas rodaram lentas, arrastadas, sobre os dois prisioneiros. Passou um dia e vinha a segunda noite. João desabafava o pensamento que lhe remordia o coração.

— Ó Quim Zé, e a Kàrine? O que é que ela diz a isto?

— Ora! Certamente pensa que foi a gente que matou o príncipe, como os outros.

— Quem sabe? Se ela nos viesse visitar...

— Não vem! Não penses nisso! Se a gente não tivesse para cá vindo é que era melhor.

João não concordava com o amigo, mas calou-se; e mais tempo rodou sobre os dois. E eis que um ruído de passos miúdos, a quebrarem a soturnidade da hora, alvorotou João. E se fosse Kàrine? Os passos aproximaram-se; ansioso, o pequeno esperava. Uma chave rodou alfin na fechadura, deixando ver por detrás da porta que se abria lentamente, o rosto meigo e triste da princesa. Fez-se um minuto de silêncio. Kàrine, com a mão na tranqueta, parecia esperar a reacção dos rapazes; Quim Zé olhava para os dois sem ter nada para dizer; João foi o primeiro a quebrar o silêncio, depois de um instante em que o seu coração tentara adivinhar se ainda subsistia algum resto da antiga amizade.

— Kàrine... — murmurou, à procura de eco, desanuviando um breve sorriso.

A princesa permaneceu calada, empurrando ligeiramente a porta para trás e para diante, com os olhos entristecidos cravados em João. Este aproximou-se dela.

— Fizeste bem em nos vires ver, Kàrine. Tu não acreditas que fomos nós que matámos o teu irmão, pois não?

Ela continuou no seu mutismo, com uma grande censura no olhar dorida.

— Não dizes nada? Estás zangada connosco? Já não te lembras de quando éramos amigos? — exclamou bruscamente o pequeno, ferido por aquela atitude no mais íntimo da alma sensível e sem sentimento de culpa.

— Porque é que mataram o meu irmão? — perguntou Kàrine finalmente, com a voz carregada de aspreza medonha para o coração de João, sempre esperançado que ao menos ela se não fiaria nas palavras do conspirador.

— Tu acreditas que fomos nós que matámos o teu irmão? Achas que éramos capazes de fazer isso? — tornou-lhe o pequeno, mais triste e mais fundo, sentindo as lágrimas a humedecerem-lhe o canto dos olhos. E aliviando o espírito na confissão do sonho abalado:

— Pensei que não acreditavas no doutor Ságon; assim fico muito triste. Porque afinal não fomos nós que matámos o teu irmão, pois não, Quim Zé?

— Não.

A princesa parecia alheia às palavras dos rapazes e como em busca de uma certeza.

— Que mal é que meu irmão lhes fez?

João atirou com os braços, desolado.

— Ó Kàrine!... continuas a pensar que fomos nós que matámos o teu irmão? Olha que não fomos nós!

— Então quem foi?

Esta pergunta fez renascer, consoladora, a esperança no coração do pequeno. Ia contar tudo à Kàrine e ela havia de ver que eles não tinham culpa.

— Queres saber quem foi? — começou ele a explicar.

— Foi o doutor Ságon; Ele quer fazer uma revolução, para ser ele a mandar aqui.

— Já me contaram que vocês dizem isso; mas dizem que é mentira.

— Não é mentira, não, Kàrine, deixa-os falar! O doutor Ságon também nos quis matar a nós e deixou-nos perdidos na floresta, com um bicho que se tinha soltado da ratoeira. Foi o teu irmão que nos descobriu; a gente desmaiou com a fome e com tudo.

Kàrine interessou-se na história.

— Então vocês também estiveram quase a morrer...

— Pois estivemos — continuou João, mais animado com a intervenção da princesa — mas o teu irmão salvou-nos. Depois, quando acordámos, contámos tudo ao teu irmão e começámos os três a preparar um plano... ele até nos mandou espiar o doutor Ságon, não mandou, Quim Zé?

— Mandou.

— Mas nessa altura a gente ouviu falar e o teu irmão foi à janela e deram-lhe dois tiros e mataram-no; depois atiraram a pistola para dentro do quarto, para nos acusarem a nós.

E com um gesto de desilusão:

— Eu bem disse isto, mas o bandido do doutor tapou os olhos a todos...

— A mim disseram-me que vocês o mataram, por serem maus como todos os terrestres.

João indignou-se.

— Quem é que te disse isso?

— Disseram todos os que ouviram contar como foi ao doutor Ságon.

— Ah, eu bem sei a manha dele! Quando eu estava na terra lia histórias em que também os bandidos faziam como ele: matavam uma pessoa e depois deitavam



as culpas para cima doutro. Não te acredites nele, Kàrine!

— É verdade que na terra os homens são maus e se matam uns aos outros? — perguntou ela, mudando de assunto.

— Alguns são maus, mas outros não. Só queria que conhecesses o meu pai e a minha mãe e as minhas irmãs, a ver se eles eram maus!

— E os meus! — ajuntou Quim Zé, por sua vez.

— A minha irmã Guida é mesmo parecida contigo! Não é, Quim Zé?

— É mesmo.

— E nós fomos sempre amigos do teu irmão, podes crer.

Calaram-se os três. Os dois rapazes sentiam que não estava tudo perdido; Kàrine parecia querer dizer qualquer coisa, mas não atinava com o modo de o exprimir. De repente; João lembrou-se de uma prova de inocência, irrefutável a seu ver; e não deixou prolongar-se o silêncio.

— Queres ver, Kàrine, como não fomos nós que matámos o teu irmão?

A princesa olhou para ele em silêncio. O pequeno continuou:

— Se a gente o quisesse matar, não achas que o tínhamos matado logo lá na Terra? Para que é que a gente o vinha matar aqui, se era logo caçado?

— Sim — concordou ela — mas ninguém acreditará em vocês. O meu irmão sempre disse que na Terra se matam uns aos outros e todos crêem que vocês mentem, para escaparem.

— E tu? — perguntou João, indeciso. — Também não nos acreditas?

— Agora acredito.

— Ainda bem, Kàrine! — agradeceu o pequeno. —



*...Chegaram a um portão grande...*

Nem sabes como eu ficava triste, se tu não acreditasses.

— Pronto. Agora tenho uma coisa para lhes dizer.

— O que é? O que é? Diz lá! — acudiram em coro os dois.

— Eu vim aqui para os ajudar a fugir...

— Sim?! Oh como tu és boa, Kàrine! — exclamou João, apertando as mãos da princesa, contentíssimo por ver realizadas as suas esperanças. E virando-se para o companheiro, que também ria, contagiado:

— Estás a ver, Quim Zé? Isto é que é sorte!

— Se vocês não fugissem esta noite, amanhã de manhã eram mortos.

— Ah! O bandido do Ságon! Então como é que a gente há-de fazer?

— Venham comigo sem fazer barulho.

Seguiram a princesa através de um corredor escuro, de paredes de pedra tosca e piso ainda mais tosco de calhaus soltos. Ao cabo de certo andar, chegaram a um portão grande, fechado com trancas poderosas, cuja envergadura era realçada pela sombra e luz que a lâmpada eléctrica de Kàrine originava.

— Vejam se são capazes de trancar as trancas, enquanto eu alumio — disse a libertadora, virando-se para os dois.

Os rapazes meteram logo mãos à obra, gemendo a puxar esforço, mas afinal o peso das madeiras aparentava-se superior às suas forças. Ao ver a operação decorrer tão lentamente, Kàrine sussurrou-lhes:

— Temos que andar mais depressa, senão ainda somos apanhados.

— Isto pesa muito! — respondeu-lhe Quim Zé, esticado na ponta dos pés.

— Deixem que eu ajudo — tornou a pequena, pou-sando a pilha no chão.

Foi eficaz o seu auxílio: ao fim de um bocado ainda

apreciável de tempo, a velha porta rangeu pesada e surdamente nos gonzos, destapando aos olhos dos furtivos uma nesga de céu. Estavam nas traseiras do edifício. À frente deles abria-se um caminho estreito, cujas pedras alvejavam na sombra da noite; aos lados, campos escuros com árvores emergindo do solo.

— E agora? — perguntou João, depois de ter lançado um olhar para a paisagem.

— Agora... este caminho vai dar a uma estrada larga; ao entrarem nela, sigam sempre em frente: hão-de ir ter ao aeroporto. Quando lá chegarem, verão logo à entrada um foguete branco e pequeno, que está pronto para voar para a Terra. Olhem que é um foguete, não é um disco voador!

— E se há lá gente?

A princesa tranquilizou-os:

— Daqui lá ainda é um pedaço; àquelas horas estão todos a dormir. Adeus e boa viagem.

Quim Zé estava já virando costas para se meter ao caminho, quando João se lembrou do doutor Ságón, da revolução, da morte de Króniss, e pensou na sorte da sua amigueta.

— Não queres vir também, Kàrine?

— Eu não posso.

— E se o teu pai sabe que foste tu que nos livraste?

— Não faz mal.

— Eu achava que era melhor vires com a gente. O doutor Ságón anda a preparar uma revolta e é capaz de te matar como ao Króniss...

— Eu vou avisar o meu pai daquilo que vocês me disseram.

João torceu o nariz.

— Hum!... O teu pai não deve acreditar em ti. Ele já não acreditou em nós... E depois o doutor é tão manhoso que há-de logo fazer virar todos contra ti. Eu achava que era melhor vires com a gente: ias para minha casa, para o pé das minhas irmãs...

— Não sei, eu não tenho coragem de deixar os meus pais sòzinhos! — mumurou Kàrine com o olhar indeciso voltado para dentro da sua alma. — Vão! Vão depressa, não percam tempo! — concluiu apressadamente.

— Então adeus, Kàrine. Não te esqueças de avisar o teu pai a ver se ele...

— Não esqueço. Adeus e boa sorte.

Os rapazes largaram a passo miúdo pelo caminho, voltando-se de vez em quando para acenar à princesa, que permanecia junto do portão. Ao chegarem à estrada, voltaram-se uma vez mais: Kàrine já lá não estava. Pararam os dois a contemplar aquelas paredes onde tinham encontrado dois amigos autênticos e vivido algumas horas felizes.

— Pronto, Quim Zé; acabou tudo! — murmurou João lentamente para o companheiro.

— Pronto, vamos embora — disse o outro, lentamente também. E com um último olhar, despediram-se definitivamente da casa.

Recomeçaram a caminhada, ora corrida ora a passo, conforme lho permitiam as energias. A noite límpida e morna, com as estrelas cintilando por detrás de um véu muito esvaecido, rodeava-os de esperança.

— Estás a ver, Quim Zé, como a Kàrine nos ajudou? — lembrou João ao amigo, num dos trechos em que seguiam a passo.



— Inda bem, que eu já pensava que nunca mais saía daquela cadeia! Mas também, só ela e o príncipe Króniss é que foram nossos amigos.

— Mas valeu a pena cá vir: já sabemos como é isto... e às vezes pode ser que descubram a revolta e tornem a ser amigos da gente.

Deitaram de novo a correr, durante bastante tempo. Não encontraram felizmente alma viva e ao cabo de duas horas estavam no aeroporto. À entrada encontrava-se um aparelho branco, de pequena envergadura, semelhante a um que João vira já no Pégaso, não se lembrava bem quando, mas talvez em um número especial, numa história que falava de uma viagem a Marte.

— Deve ser este o foguete que a Kàrine dizia.

— Deve. O pior vai ser para chegar à Terra! Nós não sabemos o caminho...

— Deve ter tudo indicado.

Entraram. Lá de cima, correram os olhos pelo campo.

— Eh Quim Zé, olha que grande!

— E tantos discos voadores! — coadjuvou o amigo.

— Se não fosse o Ságon...

Fecharam as portas e procuraram indicações. Reparando nas alavancas, viram que todas tinham letreiros a indicar o seu uso; era a do arranque, a do combustível, a da velocidade... Até a um canto um puxador dizia: «Pára-quedas de Segurança do Foguete».

Os dois amigos começaram a sentir-se seguros no meio de tantas tabuletas. E quando Quim Zé descobriu numa gavetinha um livro intitulado «Rumo para a Terra», foi uma exultação!

— Agora para arrancar é que vão ser elas! — exclamou.

mou João, no fundo contentíssimo por se ver na posse do foguete. — Isto vai fazer um barulho! São capazes de vir atrás de nós...

— Nunca mais chegamos à Terra! — impacientou-se Quim Zé.

— Têm paciência, havemos de chegar, se Deus quiser.

E o pequeno e satisfeito piloto sentou-se, amarrou-se ao banco e manobrou para arrancar; Quim Zé imitou-o e pegou no livro guia. Um estremeção, uma espécie de fungadela em tubos invisíveis e o aparelho deslizou algum tempo sem ruído, para logo se internar no espaço imenso.

João não cabia em si de contente.

— Eh Quim Zé, nem fez barulho nem nada, an?! Isto já estava tudo preparado!

— Inda bem. O pior é se a gente se engana no caminho.

— Já viste o que diz o livro?

— Aqui diz que aos mil quilómetros de altura se vira à direita.

— Então viramos. Também já falta pouco.

— Ouve lá, ó João, e onde é que a gente vai pousar? — perguntou Quim Zé, lembrando-se que não tinham mandado preparar pistas em nenhum aeródromo.

— Na minha eira, olha a dificuldade! Já dantes lá aterravam os discos.

— Ena, pá! — exclamou o companheiro, deslumbra-do com a perspectiva. — Depois quando eles nos vi-rem pousar é que vão ficar espantados!

— Ná, eu acho que é melhor aterrar de noite — acal-mou João, ponderadamente. — Às vezes pode ser que o doutor Ságon seja descoberto e a gente volte a ser amigo dos de Vénus.

— E como é que escondemos o foguete?

— Eu combino com o meu pai.

Calaram-se, ruminando cada qual os seus pensamentos, indecisos e vários. O aparelho subia sempre, sempre, na noite...

De repente João soltou um oh! brusco e reprimido.

— Que foi? — perguntou Quim Zé, sobressaltado.

— Foi isto que emperrou... — disse o outro, enrubescido pelo esforço que fazia, no intuito de mover o volante.

— Deixa que eu ajudo.

Quim Zé saiu do assento e agarrou-se à peça com João, puxando com todas as forças. De súbito, sob o esforço, dos dois, o volante rodou vertiginosamente e parou no lado oposto, com um estalido seco. O aparelho virou bruscamente em direcção ao solo e Quim Zé, projectado para um canto pesadamente, foi-se agarrando como pôde aos objectos; João, amarrado ao banco, puxou a medo o volante para si... e ficou com a peça nas mãos.

— Estamos perdidos! — exclamou tristemente para o companheiro.

A resposta fulminante e inesperada foi o choque fortíssimo do corpo de Quim Zé, atirado para diante por um salto do foguete. Agarraram-se um ao outro. Tomado como de malagueira frenética, o engenho voava aos ziguezagues, forçando o crâneo dos ocupantes a frequentes embates mútuos; depois endireitou e, a velocidade incrível, seguiu paralelo ao solo.

Entraram numa região banhada de sol, tornaram a mergulhar na noite, subiram, desceram, sempre agarrados ao banco, sempre impedidos de dominar o aparelho ou ao menos de se porem em posição mais có-

moda. E o foguete voltou de novo a subir. Fora um alívio: até que enfim se haviam acabado as palhaçadas.

— Safa! Se esta dança não parava... — respirou João.

— Ai a minha cabeça! — lamentou-se Quim Zé. — E agora?

— Agora... o que é que se há-de fazer! Vai rezando a Nossa Senhora, a ver se Ela nos livra.

E João começou a dizer baixinho a Avé Maria; mas o amigo interrompeu-o.

— Já estou farto de discos voadores!

— Também eu; mas o que queres que te faça?

— Se não fosses tu, a estas horas eu não estava aqui.

— Ah! É assim que pagas! A princípio estavas todo contente... deixa lá! Eu é que tenho a culpa disto, não?

Quim Zé não queria zangar-se com o amigo; por isso meteu por outra vereda.

— Se calhar o foguete já estava avariado para nos acontecer isto.

— Está calado! — retorquiu João. — Não vês que foi a Kàrine que arranjou tudo?

— Sei lá! Ela não quis entrar...

— Não quis por causa dos pais! A gente é que partiu isto a puxar.

Calaram-se. O foguete subia sempre a seu belprazer. João sentia uma vontade imensa de chorar, uma angústia enorme a comprimir-lhe o peito. Evocou o passado, seus anelos doirados de aventura, seu primeiro contacto com os venusianos, suas primeiras ilusões... Lembrou-se de Kàrine, da sua primeira amizade, das tardes alegres em que haviam brincado juntos, da última hora em que ela os libertara e preparara tudo para a fuga... Recordou-se de seus pais, de suas irmãs, do

regato fresquinho onde brincara tanto e que não tornaria a ver...

As lágrimas irromperam-lhe espontâneas, entre soluços fundos e calados.

Ao vê-lo chorar, Quim Zé acompanhou-o mais alto.

E o foguete subia sempre, sempre. Lá muito em cima, descreveu uma curva larga e embicou outra vez para o solo, com os motores acelerados. João sentiu o coração subir-lhe no peito, começou a ver tudo vermelho, e não soube mais nada.



## CAPÍTULO VIII

### *Ao sabor do Barco Verde*

— Quim Zé! Quim Zé! Estás vivo ou quê?

— O quê... que é que foi?... — respondeu atabalhoadamente o interpelado, arregalando para o companheiro os olhos espantados.

— Estamos vivos, Quim Zé! — exclamou João, rindo e sacudindo o amigo com entusiasmo.

— E então? Como é que querias que estivéssemos?

João deitou as mãos aos quadris, perante a indiferença patarata do pobre.

— Ah, já te não lembras?! Achas que era uma maravilha andar no foguete avariado!

— Eu não.

— Pois fica sabendo que já aterrámos. Até parece milagre.

— Já chegámos à Terra?

— Não sei, não sei onde estamos. Vê se acordas de todo, para irmos ver!

— «Ó» tempo que já estou acordado! O que estou é todo moído.

— Isso até eu e mais não dei tantos trambulhões como tu! — exclamou João, traindo na euforia do gesto a pouca verdade de uma frase sincera. — Anda embora.

Quando puseram pé em terra, viram o foguete direito e o paraquedas derramado no chão, à roda e por cima do aparelho.

— Até parece milagre, Quim Zé. Quem é que teria aberto o paraquedas?

— Não sei... só se fosse eu, quando andei aos trambolhões.

— Se calhar... o que vale é que estamos vivos! Que terra será esta?

Olharam em volta: era uma espécie de charneca amorfa, lisa e desarborizada. Ao longe havia cortinas de gazes cor de cinza e o sol espalhava no ar uma luz melancólica e entardecida. O terreno era barrento, cheio de rugas e buraquinhos como a concavidade de um prato.

— Que sítio esquisito! — ponderou João, franzindo o rosto. — Parece um planeta perdido. Não achas tudo isto misterioso, Quim Zé?

— Eu cá por mim parece-me até que estou a sonhar.

— Tu julgas que tudo é sonho! — retorquiu o primeiro, lembrado da manhã distante em que o amigo lho dissera, pela primeira vez. — E se fôssemos fazer uma inspecção?

— O pior é se nos perdemos.

— A gente não perde o foguete de vista.

— Vamos lá, se queres.

Caminharam em frente, de costas voltadas para o sol. João, cada vez mais intrigado, voltou-se para o companheiro.

— Que terra esquisita! Tenho impressão que estamos a ser vigiados.

Quim Zé olhou em roda.

— Não vejo nada.

— Eu também não, mas... sinto qualquer coisa.

Continuaram a caminhada. De repente, João afirmou bem a vista:

— Olha, Quim Zé. Além ao longe... não te parece uma luz acesa?

— Aonde?

— Além... — tornou João, endireitando a cabeça do amigo na direcção desejada.

— Parece. E até parece uma casa.

— E se fôssemos até lá?

— E se nos descobrem?

— Vamos com cautela: dizemos que estamos perdidos, mas não dizemos que somos da Terra. «Todomodo» (1), aqui também não adiantamos nada.

— Vamos lá.

Deitaram a correr, mas em breve um novo obstáculo se lhes apresentou no caminho: uma fenda negra se abria diante de seus olhos, como diante dos olhos de um condenado se abre a escuridão da masmorra em que irá penar sua vida.

— Mais esta agora! — cabeceou João, parando a poucos passos.

— Parece que está tudo contra nós! — coadjuvou Quim Zé.

— Vou ver se é fundo: se não for muito, saltamos, sim?

— Vê lá. Eu seguro-te para poderes espreitar e não caíres.

Agarrado à mão do companheiro, que firmava decidido os pés nas asperezas do terreno, João sondou o negrume.

— Já viste?

---

(1) Ler *tòdòmódo* (= em todo o caso, de qualquer maneira).

— É muito escuro, não se vê o fundo.

— Então é melhor ver se acaba em algum lado, não vá a gente lá cair.

Optaram por esta solução, mas andados uns bons metros, João deteve-se.

— Isto não acaba tão cedo, ó Quim Zé. Até dá uma curva... se calhar é capaz de ser uma roda inteira.

— E agora?

— Agora não há outro remédio senão saltar. Não podemos ir para mais longe, porque nos somos capazes de perder.

— E se a gente cai dentro do buraco?

— Não cai: ele é estreito e a gente não olha para baixo.

O salto não foi difícil. Do lado de lá, repararam não ter sido uma luz que se acendera, mas sim o reflexo do sol na claraboiazita de um pequeno chalé, iluminado pelos tons alaranjados da tarde amortecida. Uma espécie de carreiro parecia dirigir-se à vivenda; meteram por ele.

— Já reparaste que o chão está cheio de cardos e pés de milho, Quim Zé? — notou João, depois de ter contemplado longamente na caminhada as plantas familiares.

— Já. Se calhar é alguma fazenda... — observou o amigo. — Deus queira que não tenha cães à solta.

Aproximaram-se da habitação: à porta, uma senhora idosa, de rosto encarquilhado mas contente, fazia renda.

— Boa tarde, minha senhora — saudou João, com uma pequena vénia cortês. — Fazia favor dizia-nos que terra é esta?

— Boa tarde, meus meninos — correspondeu a dama,

erguendo para eles os óculos antigos. — Aqui é a quinta de Zarapatá.

— Não era isso que eu queria saber; eu queria perguntar que planeta é este — esclareceu o pequeno. — É que nós íamos num foguetão, mas aquilo avariou-se e caiu num sítio ali em frente para além duma racha no terreno.

A mulher fez uma cara admirada.

— E como é que passaram para cá?

— Saltámos por cima.

— Ai, tiveram muita sorte, porque todos quantos a quiseram saltar, caíram nela. E quem lá cai nunca mais de lá sai. São destes lados?

— Não, não, viemos de Mina, capital do planeta Vénus.

— Então! Mina é mesmo aqui chegadoinha! — exclamou a mulher. — Três horas a pé, se tanto.

— Então este é o planeta Vénus... — admirou-se João.

— Pois é.

— Ainda bem, pensei que tínhamos caído num planeta perdido! A senhora não nos podia dizer quando há carreiras para a Terra?

— Carreira para a Terra? ... Ainda não são muitas, mas com os novos progressos, devem partir aí de semana a semana. Mas esperem um bocadinho.

A mulher entrou em casa; e os rapazes ouviram no meio de uma gargalhada esta frase alarmante:

— São os terrestres, aqueles que o doutor Sagon denunciou como assassinos do príncipe Króniss. Certamente fugiram da prisão.

— Estamos descobertos, Quim Zé! — exclamou João, um momento suspenso da frase ouvida. — Foge!

Meteram em corrida doida pelos campos à esquerda da casa, direito a um renque de árvores frondosas; na



fuga ainda olharam para trás, mas não viram ninguém a persegui-los.

— Ainda não saíram à rua — avisou João, afogueado.

— Se a gente consegue chegar às árvores sem nos verem...

As plantas onde foram buscar abrigo debruavam um rio ou canal de águas tranquilas. Na serenidade daquela sombra pacificante, os rapazes detiveram-se a tomar alento.

— Não nos podemos demorar, senão ainda vêm por aí...

— Pra que é que perguntaste se havia carreiras para a Terra? — censurou Quim Zé, abanando a cabeça desaprovadora.

— Esqueci-me; estava tão desejoso de saber!...

E desviando de assunto pouco agradável.

— Os daquela casa devem ser pelo doutor Ságon. Ele já teria feito a revolução, Quim Zé?

— Não sei, se calhar já.

— Vamos embora outra vez.

O canal não tinha ponte naquele sítio, mas preso à margem repousava um barquito verde-branco, muito parecido com um que existia no parque das Caldas, também dessa cor, favorito de João, quando ele queria dar uma voltita mai-los amigos. O sol já se deitara e a noite descia apressada, envolvendo tudo na sombra adocante e calma.

— Deve ser este o rio de que a velha falou — murmurou João para o amigo.

— Deve ser.

— Agora metemo-nos no barco e passamos para o lado de lá, an?

— Sim — sussurrou Quim Zé.

Entraram com jeito, para evitarem todo o ruído pos-

sível. João sentou-se num dos bancos e deu um remo ao companheiro.

— Rema de mansinho para não fazeres barulho.

E chamando a si a experiência adquirida em dominhos de sol:

— Mete o remo bem na água e puxa ao mesmo tempo que eu, ouviste?

— Ouvi.

Enquanto o barco deslizava, doce e lento, os dois amigos iam preparando os planos.

— Vamos para o campo de aviação? — perguntou Quim Zé, mergulhando a pá do remo de acordo com os conselhos do mestre.

— Vamos — respondeu João, esticando-se todo para trás.

Continuaram a remar, em cogitação subterrânea; já perto da outra margem, Quim Zé teve de repente uma ideia.

— Ouve lá, ó João, e como é que a gente sabe que os discos vão para a Terra? Eles não têm letreiros...

— É verdade!

Abicaram. Depois de saltarem em terra, João meteu os remos no barco e deu-lhe um empurrão, que o pôs a vogar à deriva. Era uma medida de precaução, explicou ao companheiro. Se vissem o barco do lado dali, suspeitavam logo da fuga; assim eram capazes de pensar que ele se desprendera naturalmente.

A cem metros do canal passava uma estradita, onde um sinalizador branco apontava: MINA. Seguiram na direcção indicada, de coração alerta, prontos a esconderem-se ao primeiro sinal de perigo.

— A estrada não deve ter grande movimento, mas em todo o caso... — ponderou João, olhando para todos os lados.

— Estou com fome! — confessou Quim Zé, depois de um bom quarto de hora de caminho.

— Eu também — concordou João. — Mas agora de noite...

Afinal, vencidos os receios, decidiram-se a passar revista a umas árvores à esquerda, não muito longe da estrada. Andaram com sorte, porque as plantas eram mesmo frutíferas. Demoraram-se ali algum tempo a refazer energias e a saborear a especialidade.

— Nunca provei coisa tão boa! — exclamava João, com entusiasmo.

— Nem eu — assentia Quim Zé, a grandes dentadas.

— Aqui tudo é bom! — continuou o primeiro. — Se não fosse aquele bandido do doutor Ságon... Podíamos ter tanta sorte! ... — concluiu com pena.

— Assim já não fazemos nada na Terra! — lamentou Quim Zé, por sua vez.

— Às vezes pode ser que descubram tudo e voltem a ser nossos amigos.

— Isso é que era bom.

Puseram de novo pernas ao caminho, não sem terem primeiro carregado de fruta quantos bolsos tinham, na previsão de novas necessidades. Mais reconfortado, João raciocinava melhor.

— Sabes o que eu estava a pensar, Quim Zé?

— O que era?

— Era irmos ter primeiro com a Kàrine e perguntar-lhe como é que havemos de fazer para chegar à Terra. A gente sempre a há-de encontrar sem nos descobrirem.

— Está bem. Contanto que a gente chegue à Terra... Eu só me queria ver livre desta embrulhada!

— Também eu.

Ultrapassada a curva entre duas colinas, descortinaram ao longe, no céu, o clarão das luzes da capital.

Animaram-se; mas Quim Zé era sempre menos entusiasta.

— Ó João, e se esta estrada não vai dar ao palácio? Atravessamos pelo meio da cidade?

— Não. Se ela não for dar ao palácio, metemos pelos campos.

— Somos capazes de cair nalgum barroco.

— Eia! Com tanta luz que é quase como de dia...

A estrada afinal não os guiou ao palácio; com grande surpresa para os dois conduziu-os à pista que ligava Mina ao aeródromo, já deles conhecida. Seguiram-na, cautelosos, junto à berma.

— Agora já não nos perdemos! — rejubilava João, apressando o passo.

Cada vez mais perto e mais fortes as lâmpadas da cidade acumulavam-se à direita, em vastos aglomerados multicolores. João aspirava o ar balsâmico e refrescado, e experimentava um certo contentamento naquela aventura toda. Para a resolução dos problemas que surgissem, confiava em Kârine, que elevara já à categoria de sua heroína.

Chegaram enfim ao carreiro de pedras velhas, por onde tinham fugido na noite anterior e de que julgaram ter-se despedido para sempre.

— Agora é que é precisa muita cautela, Quim Zé. Não fales alto nem faças barulho.

— Entramos por aquele portão donde saímos?

— Não. Se a gente visse a Kârine, estava bem; se não a vírmos temos de arranjar um sítio para nos escondermos até a encontrarmos.

Acercaram-se das paredes, muito sorrateiros, experimentando suavemente as portas.

— É para entrar, João?

O interpelado não teve tempo de responder: ilumi-

nou-os intensamente o jacto de luz de um projector poderoso. Surpreendido com a luz inesperada, João ergueu os olhos e viu no alto de um terraço o foco luminoso encandeante. Ao mesmo tempo uma voz grasnada e metálica berrou:

— São eles! São eles! Apanhem-nos!

Era o doutor Ságon; João puxou pelo amigo.

— Foge, Quim Zé!

Deitaram a correr em volta do palácio, à procura de uma abertura por onde pudessem enfiar e assim escapar ao doutor que, sem saberem como, tropeava já no seu encaço. Deparando com uma porta aberta, meteram-se por ela a tempo de escaparem a uma saraivada de balas disparadas por Ságon, ao acaso. Encontraram-se num salão pétreo; ao fundo do qual uma escada rendilhada se elevava para o andar superior. Subiram os degraus a três e três. Lá de cima viram entrar pelo mesmo sítio o seu inimigo, gesticulando como um energúmeno e berrando desafinado:

— São eles! São eles! São eles!

Acudiu gente alvoroçada com a gritaria; sem parar de correr, Ságon gritou-lhes:

— São eles! Os terrestres! São eles!

E lá seguiram escadaria acima na peugada dos rapazes que, metendo por um corredor estreito, foram dar de chapa numa parede. Encurralados! Mas não. Experimentando as portas laterais, descobriram uma que se abria para um novo corredor. Esgueiraram-se por ela, fechando-se à chave. Desembocaram numa espécie de átrio, ao meio do qual viram a princesa, muito direita e severa, de lábios cerrados e olhar distante.

— Kârine! — bradou João, correndo para ela. — Ajuda-nos, que andam a correr atrás de nós para nos matarem.



Ela não respondeu nem fez o mínimo gesto na sua posição de estátua fria.

— Kàrine! — chamou de novo o pequeno, olhando-a bem de frente e enternecendo a voz. — Kàrine, já não te importas de nós? Olha que nos querem matar.

— Anda, João! — alarmou Quim Zé. — Se ficamos aqui, já nos agarram.

Tornaram a descer por umas escadas de madeira encerada, enquanto João ia formulando hipóteses.

— O que é que teria a Kàrine? Ela não estava morta, porque eu vi-a mexer com as pestanas.

— Agora é que nunca mais chegamos à Terra, João! — lamentou-se Quim Zé, mais preocupado com o fim. — Ai, minha mãe!...

Ao chegarem ao fundo das escadas, viram-se numa sala grande, iluminada por duas lâmpadas frouxas. Olharam em roda à procura de um refúgio. Quim Zé foi o primeiro a descobrir um abrigo.

— Olha ali, João! Escondemo-nos debaixo das escadas.

De facto, o vão sob os degraus era o único lugar capaz de os acolher na sua obscuridade protectora. Cansados já de fugir, nele se refugiaram, depois de terem apagado a luz.

— Ai, Quim Zé, se eles desistissem de nos procurar...

— Agora já não desistem.

Calaram-se, cismando na desdita de cair nas mãos daquele homem; João, porém, não deixava de pensar na atitude da princesa.

— O que é que teria a Kàrine? Parecia enfeitiçada.

— Se calhar foi o doutor Ságon que já fez a revolução e ganhou — sugeriu o companheiro.

— Certamente. Não reparaste também no doutor e naqueles que se juntaram a correr atrás de nós? Pare-

ciam todos malucos... Foi com certeza a revolução do doutor, não tenhas dúvidas.

— Agora é que estamos perdidos!

Acenderam-se as luzes; no silêncio que mutuamente se recomendaram, os rapazes ouviram o doutor exclamar com azedume:

— Perdemos-os de vista! Somos uns parvos.

E depois, tranquilizando-se:

— O que vale é que do palácio não podem sair: as portas estão todas guardadas.

— Com os terrestres é precisa muita cautela, senhor! — acrescentou uma voz, na qual os dois pequenos reconheceram o detestado cúmplice do seu inimigo.

— Não tenhas medo, não escapam. Anda dar por aqui uma vista de olhos; enquanto os outros investigam pelo outro lado.

No seu esconderijo os fugitivos sentiram o coração bater a todo o vapor, mas não fizeram um movimento sequer. Os dois rebuscadores desceram a escadaria, relancearam um olhar superficial pelo aposento e disputam-se a sair, quando Ságón reparou na sombra debaixo das escadas.

— Espera aí.

Aproximou-se do vão, desconfiado, e efectivamente descobriu os dois amigos escondidos no mais escuro.

— Olha-os, olha-os! — exclamou com um imenso gáudio rancoroso. Pensavam que nos fugiam... Coitados dos terrestres, não sabem que eu faço tudo o que quero e nada me é impossível.

— Faz tudo o que quer, faz! — resmungou João, saltando repentinamente para fora, antes de lhe deitarem a mão. — Deixe lá que quando morrer, Deus lhe dará o arroz.

— Ah, ah, ah! Eu quero lá saber dessas coisas!

— Por isso é que você é assim um bandido; mas deixe lá, que quando morrer...

— Qual morrer, qual carapuça! Pensas que eu morro? Deixa-me rir!

— O diabo é que se vai rir de si depois! Já antigamente os reis daquela ilha onde você matou o príncipe Króniss foram castigados por serem bandidos também; e agora vai-lhe acontecer a mesma coisa.

— Histórias! Ó Félon, toma conta deles enquanto eu vou avisar os outros de que já os apanhámos.

O doutor saiu apressado; João aproximou-se do companheiro.

— Apaga a luz enquanto eu me atiro a ele a ver se fugimos — segredou.

— Sim.

— O que é que estão a dizer? — interrompeu àsperamente o guarda.

A resposta foi Quim Zé abaixar o interruptor e João atirar-se de encontro ao vigia como um bólido. Mas a luz reacendeu-se imediatamente, aparecendo Ságón ao cimo das escadas. O homem do doutor conseguira aguentar facilmente o embate de João; Quim Zé aquietara-se muito pressuroso, com a chegada do doutor.

— Houve novidade, Félon?

— Nada. Apenas esta víbora deste garoto se atirou a mim para me derrubar, mas sem resultado, como era natural.

— Então seus pategos? Estão ou não convencidos de que é impossível fugir-me? Eu sou onnipotente!

— O que você é, é um bandido! — replicou o pequeno, furioso por se ver reduzido à impotência. — Por esse caminho há-de ir parar direitinho ao fundo do inferno.

— Não façam caso das tolices dele — desdenhou o

doutor. — E amarrem-nos bem, que amanhã já não falam mais.

— Deus lhe pagará tudo, deixe estar! — remoeu ainda João, sem que os seus captores lhe quisessem ligar.

Quim Zé deixou-se manietar, chorando em voz alta. Ao ver aquilo, João sentiu uma força estranha apoderar-se de si. Com as entranhas em fogo e as cordas vocais enrouquecidas pela cólera, postou-se com um salto diante do doutor e, batendo o pé no chão, gritou-lhe desvairado:

— Você não me há-de matar! Você não me há-de matar, eu quero ir para a Terra! Você não tem nada comigo, ouviu?

Seguraram-no; mas ele continuou, tentando erguer o braço acusador e atirando mordentes as palavras, na ânsia de subjugar pela voz um adversário que não podia dominar pela força.

— Hão-de saber todos que foi você que matou o príncipe Króniss, para fazer uma revolução! Eu não fiz mal a ninguém. Mas já que não querem acreditar, arranjem-se! Matem-se uns aos outros! Mas a nós deixem-nos ir para a Terra. Eu quero ir para a Terra! Eu quero ir para a Terra, ouviram?

Tentou desprender-se e arremeter contra Ságon, que parecia um ferro em brasa. De repente, porém, viu-se erguer acima do solo, tolhido, sem força para um gesto mais; e caiu para trás, lentamente, docemente, como migalha de pão descendo para o fundo de mansas águas tépidas.

\* \* \*

Entre os cobertores enrodilhados da sua cama, João esfregou os olhos, abrindo-os na serena penumbra do

quarto. Debruçada para ele, a irmã mais velha sorria com doçura.

— Estás atrapalhado, João!

— An?... — balbuciou ele, de garganta sonolenta, ainda sem dar bem conta de si. A irmã passou-lhe a mão pela testa.

— Estás suado. Devias ter dado muitos pontapés nos cobertores esta noite: olha como eles estão.

— Ai Lena, se soubesses o sonho que eu tive esta noite... — sorriu lento o irmão, libertando-se mais da modorra.

— Ora, logo vi. Não podia senão ser sonho, para desfazeres assim a cama. Aposto que andaste a jogar aos «coubóis!»

— Não; foi melhor do que isso — respondeu o pequeno, recordando-se vagamente.

— Se é bonito, hás-de-mo contar.

— Isso vamos a ver. E não me faças mais perguntas que é para eu me lembrar dele todo.

— Pois olha que quando aqui cheguei ao quarto, tinhas um ar tão aflito que estive mesmo para te acordar.

— Vê lá se o fazias! — acautelou o irmão. — Não sabes que quando a gente acorda de repente depois não se lembra do que sonhou?

— Ai que pena, meu santinho, se esquecias isso!

— Começa com coisas que não te conto nada.

— Anda, anda, deixa-te de zangas e trata de te levantar! Ou queres ficar na cama até ao meio dia?

— Que horas são?

— Oito e meia, não tarda nada. Despacha-te, que vestires-te e mais isto e mais aquilo, acabas por chegar atrasado à Missa.

— A mãe e o pai?



— Foram à Missa das sete e meia, porque queriam comungar. Olha se iam estar à espera que o menino acabasse o seu rico sonho...

— E tu? A que Missa vais?

— Eu fiquei à espera de ti para ir contigo à das crianças e mais a Guida.

A irmã foi abrir a janela, deixando entrar o ar fresco e húmido daquela manhã de Setembro.

— Fecha isso, que estou quente da cama e constipo-me.

— Sim, é melhor fechar, é, porque o menino pode estragar-se — caçooou Lena, encostando os vidros outra vez. — Queres que te traga o leite à cama também?

— Não.

Ela saiu pôr o pequeno almoço a jeito. João vestiu-se e lavou-se sem pressa, recordando os pormenores daquela noite fantástica. Estava contente por se encontrar afinal em sua casa, bem inteirinho e bem seguro. A ansiedade da última parte da sua aventura já passara; restava-lhe a glória de a ter sonhado.

A irmã mais nova apareceu quando João se deixava pacientemente pentear...

— Ó Guida, — atirou ele vivamente, revirando os olhos na cabeça muito direita. — Esta noite é que tive um sonho formidável!

— Sim? Como era?

— Era um sonho que metia discos voadores...

— Ah! Não era de admirar, com a conversa de ontem! — acudiu a mais velha.

— Foi da conversa de ontem, foi!... — contestou o irmão. E para a mais nova:

— Metia uma rapariga parecida contigo e que era uma princesa.

— Ah... — admirava a pequena. A irmã mais velha ria.

— E não casaste com ela, João? Agora podias ser rei...

— Éramos amigos.

— Então casavam quando fossem grandes. Ainda eu vinha a ser também princesa. Que sorte!

— Brinca, brinca. Tomaras tu ter um sonho assim! E comi coisas como tu nunca provaste.

— Certamente foram os doces de ontem à tarde... Conta lá isso à gente!

— Depois, depois. E à Guida está bem, agora a ti, que não acreditas nisto...

— Acredito, então não acredito porquê?

João divertia-se com a expectativa das irmãs e queria explorá-la, porque ele bem sabia que, embora aparentando indiferença, a Lena estava tão curiosa como a Guida. E para não dizer logo por inteiro o sonho, que lhe fervilhava debaixo da língua, ia repetindo uma frase que o resumia todo:

— Era formidável! Era formidável!...

De vez em quando lá lhe escapava mais uma declaração, com grande gáudio para as duas.

— E metia também o Quim Zé.

— Ora, esse não podia andar longe — comentava a Lena.

— Ainda lho hei-de contar. Isso é que ele vai ficar contente!

— Também o podias contar ao Vítor, já que ele te ajuda a meter essas coisas na cabeça.

— Antes a ele do que a ti.

E os três foram descendo estrada fora, a caminho da Igreja. A manhã estava agradável, com a sua aragem corajuda e fortificante. Da curva no alto duma colina avistava-se a planície humedecida por chuvada nocturna, e para os lados de S. Martinho o horizonte apre-

sentava-se adornado por cabeleira esparsa de nevoeiros lentos. As nuvens, entremeadas com o azul assomadiço, davam ao céu o aspecto meio sorridente de criança reconciliada. O vento arremetia de vez em quando, mais impetuoso, em corrimaças de miúdos divertidos, fazendo adejar lencinhos e flutuar cabeleiras, esguedelhando a menos tenaz. E insensivelmente o sonho de João foi preenchendo o tempo daquela caminhada gostosa, acabando por se desbobinar quase inteiramente no quilómetro e picos que houveram de percorrer até à igreja.

\* \* \*

No fim da Missa, encontrei-me com o meu herói, acompanhado das irmãs.

— Bom dia, Lena. Olá, Guida... Viva, João!

— ... ..

— Então a Guidita já sentiu o peso dos dez anos? E tu, João, não te fizeram mal os doces que comeste à tua irmã?

— Fizeram pois — interveio a mais velha. — E mais mal lhe fazem ainda as histórias que ele mete na cabeça.

— Sim? Ora essa!...

— Ainda esta noite, por causa da conversa de ontem, teve um tal sonho que andou a brigar com os cobertores da cama. De manhã fui encontrá-lo todo aflito e a suar.

— Devia ter sido da trovoadas desta noite.

— Sim, sim, também metia trovoadas.

— E foguetões também; não, João?

— Sim, e mais coisas: parecia um romance! — respondeu contente o meu amigo.

— Alto, um romance? Isso é interessante. Se é um

romance, conta-me que eu escrevo-o e faço mesmo um, se deres licença.

— Pronto.

Rimos todos com a prontidão do pequeno e com o que parecia uma proposta de brincadeira; mas eu pensava comigo que, se valesse a pena...

Olhei o tempo: havia vento irregular e inquieto, e as nuvens marchavam por cima de nós desengonçadas, a prometerem chuva, que afinal não passou de promessa.

— Não estou com vontade de ir já para casa, embora o tempo não seja lá dos mais seguros... Vou dar uma voltita pelo parque, não queres fazer-me companhia, Lena?

— Queria primeiro ir a casa da Lurdes; se não te importas de esperar por nós lá...

— Com todo o prazer. Levo comigo a Guida e mais o João, para ele me contar o seu maravilhoso sonho.

— E para não teres de esperar sozinho...

— É uma coisa que me aborrece, ter de esperar só. Canso-me depressa.

— Sim. Adeus.

— Não se demorem muito que nos apanham no lago. Vamos dar uma voltita de barco.

— Então não entrem sem nós lá chegarmos.

— Despachem-se vocês, que depois abicamos para entrarem. Nós vamos devagar.

\* \* \*

— Hás-de-me contar esse teu sonho, João — disse eu para o meu pequeno companheiro, enquanto caminhávamos despreocupados pela rua movimentada. — Mas olha que eu escrevo mesmo um livro a sério.

— Isso é que eu quero! Começo já?

— Não; contas-me isso no lago enquanto a Lena não chega.

— Metia também um barco como o verde; foi nele que eu fugi duma quinta onde tinha caído o meu foguetão.

— Isso deve ser movimentado.

— É, pois. E metia foguetões que se transformavam em comboios... e uma rapariga parecida com a Guida... e um sábio que queria fazer uma revolução...

— Deve ser engraçado.

A nossa conversa foi cortada por factores ambientais, montras, pessoas, automóveis, novidades. Mas no parque, deslizando sobre as águas paradas ao embalo do famoso barco verde, tive ocasião de escutar pormenorizadamente o sonho do meu amigo.

— Combinado, João: vou mesmo escrever isso.

— Mas não diga que foi sonho...

— Está bem, ao menos no princípio não digo. Mas depois eu mostro-te como faço, a ver se estás de acordo.

— Está bem.

\* \* \*

E pronto, João, a história acabou. Peço-te desculpa de não ter falado da metamorfose dos teus foguetões nem de outros pormenores pitorescos do teu sonho, mas se o fazias... adivinhavam logo o que era, e isso é que tu não querias. Julgo ter feito a tua vontade, não?

Quero ainda que me perdoes o ter acrescentado ao teu sonho a história do teu povo ideal, mas vi-me obrigado a fazê-lo, bem sabes porquê, já to disse. Agora só te digo para sonhares outra aventura; mas aconselho-te a fazê-lo... apenas nas horas de sono.

F I M



## ÍNDICE

<i>Capítulo</i>	<i>Pág.</i>
I — O grande sonho ... ..	9
II — O melhor é recordar ... ..	15
III — Aqui lua! ... ..	43
IV — Folheando o passado ... ..	55
V — Os três pequenos amigos ... ..	71
VI — Revolta! ... ..	89
VII — Adeus, Kárine ... ..	105
VIII — Ao sabor do Barco Verde ... ..	129

## NOTA

Ataíde Guerra é o pseudónimo de Artur Parreira.

*O Grande Sonho* é um romance juvenil escrito aos dezoito anos. A acção decorre nas Caldas da Rainha desse tempo.

Licenciado em Ciências Filosóficas pela Universidade Clássica de Lisboa e Doutorado em Psicologia da Saúde pelo Instituto Abel Salazar, Artur Parreira é docente universitário desde 1977.

Paralelamente às actividades docentes, tem desenvolvido acções no âmbito da Consultoria, nomeadamente programas de desenvolvimento das competências pessoais em contexto de TRABALHO, para empresas em Portugal e no estrangeiro.

Da sua principal bibliografia fazem parte *O Mundo em Números*; *Gestão do Stress e da Qualidade de Vida*. *Um Guia para a Acção*; *Comunicação e Motivação*; *Liderança*. *Tecnologia da eficácia para o desenvolvimento de pessoas e grupos*.



COLECCÃO DE LEITURAS JUVENIS

O GRANDE SONHO

15

ATAÍDE GUERRA

